

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FREIRE, João. *João Freire (depoimento, 2010)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 48 p.

**JÓAO FREIRE**  
**(depoimento, 2010)**

Rio de Janeiro  
2010

## Transcrição

**Nome do Entrevistado:** João Freire

**Local da entrevista:** Lisboa, Portugal

**Data da entrevista:** 14/05/2010

**Nome do projeto:** Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa: Histórias de Vida (CSPLP)

**Entrevistadores:** Helena Bomeny, António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro

**Câmera:** Arbel Griner

**Transcrição:** Maria Izabel Cruz Bitar

**Data da transcrição:** 20 de setembro de 2010

**Conferência de Fidelidade:** Carlos Subuhana

**\*\*** O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por João Freire em 15/05/2010. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Maria das Dores Guerreiro – João, temos aqui um primeiro bloco de questões relacionadas com os teus dados biográficos e a tua formação. Então, se puderes começar a falar então do teu nascimento, o local de nascimento, a família de origem, a escolaridade pré-universitária, esse poderia ser o primeiro ponto da nossa entrevista.

João Freire – Muito bem. Eu já escrevi as minhas memórias, e para escolher o título, pedi a uma jovem colega do ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa que fizesse o exercício, de ler os dados objetivos que permitiriam isso, de ela situar a minha origem social em termos de classe, e como eu esperava, veio classe média, e foi essa a caracterização que eu puxei para o título dessas memórias: *médio-burguês de Lisboa [Pessoa comum no seu tempo. Memória de um médio-burguês de Lisboa na segunda metade do século XX]*.

E Lisboa identifica, efetivamente, o sítio onde nasci, em 1942, numa família onde, do ponto de vista profissional – referindo-se aos homens, obviamente –, na época, pontificavam três tipos de profissões: militares, engenheiros e médicos. Havia, em gerações anteriores, ocupações ligadas ao comércio, ao comércio de talho da Baixa Lisboeta, nomeadamente, mas na geração dos meus pais e dos meus tios, praticamente isso já tinha falido, já tinham abreviado essas carreiras comerciais e ou viviam de rendimentos de prédios etc. ou tinham estas atividades profissionais. E não me recordo, francamente, de nenhuma das mulheres dessa família, mesmo

## Transcrição

falando em termos um pouco mais alargados, que tivesse atividade profissional e, portanto, trabalhasse fora das suas casas e das suas atividades domésticas e familiares.

Nasci, também, não exatamente nesse sítio, mas a minha família, quer do lado da minha mãe, quer do lado do meu pai, eram do bairro da Graça, que é um bairro popular de Lisboa antigo, e essa inserção, para mim, foi muito importante porque vivi aí até os meus 20 anos. Portanto, Lisboa, e dentro de Lisboa, esse tipo de bairro.

M.G. – Foi aí que frequentaste a escola primária?

J.F. – Foi. Frequentei a escola primária na rua da Graça e depois, no Largo da Graça. Foi aí que fiz, na altura, o exame de admissão ao liceu.

M.G. – Era uma escola pública?

J.F. – As escolas primárias que frequentei eram privadas, ambas. Eram as mais próximas e recordo-me em dizer que davam mais garantias de uma aprendizagem de melhor qualidade e mais próxima dos alunos do que a algazarra da escola pública. Mas íamos fazer os exames à escola pública. E, realmente, a algazarra, nesses momentos em que meninos estavam [inaudível] era uma coisa tremenda. Numa, na Penha de França, fazia-se exames de primeiro grau da instrução primária, a terceira classe, e depois, a quarta classe, fiz lá no Campo de Santa Clara, junto aos tribunais militares. Havia ali uma escola primária grande. E sentíamos a diferença de...

M.G. – De ambiente.

J.F. – ...de ambiente.

H.B. – Professor, o senhor falou “íamos à escola”. É uma família grande, com irmãos?

J.F. – Não. Íamos, os meus colegas, digamos assim. Familiarmente, eu sou o terceiro de uma família, portanto, já bastante reduzida, de uma prole reduzida, e o terceiro, com algum distanciamento dos meus dois outros irmãos. Era um rapaz e uma rapariga.

M.G. – Então, eras o filho mais novo?

J.F. – Eu era o mais novo. E nasci por acidente, por falta de controle dos meus pais, mas que foi muito bem recebido, e tive algumas benesses com isso: fui um bocadinho... o terceiro, que foi um pouco *chouchouté*, com essas circunstâncias.

M.G. – O que é que seguiu ao exame de admissão?

J.F. – Seguiu-se a minha entrada para o Colégio Militar. Ou seja, eu candidatei-me e entrei no Liceu Gil Vicente; entretanto, fiz também a candidatura ao Colégio Militar, e como entrei lá... A preferência da família – e a minha também, naquilo que eu podia dizer – era essa, e era essa porque, creio eu, havia um peso enorme já da tradição familiar: o meu pai tinha sido aluno lá, brilhante, o número um etc., o meu irmão tinha lá andado e até havia uma tradição familiar que era o número. Aquilo era um pequeno quartel, num certo sentido, portanto, os alunos eram identificados por números, e depois, por alcunhas, também, mas raramente por nomes.

H.B. – E se lembra do seu número?

J.F. – Do meu número? Lembro perfeitamente. E esse número, eu tinha-o herdado do meu pai e de um irmão dele, e depois foi do meu irmão e meu. Portanto, em duas gerações, dois irmãos, dois pares de irmãos. Isso, lá naquelas tradições desse colégio, tem um significado especial, porque [inaudível] os antigos alunos vão lá e vão conversar e abraçar com o jovem que agora tem o mesmo número. Os números repetem-se.

A.C. – Claro. Aí há uma ligação, não é?

H.B. – E podemos saber o número?

J.F. – Dois, quatro, seis (246). Era um número completamente racional. Isso se chama, em matemática, progressão... já não me lembro exatamente como, e que tem alguma coisa a ver

## Transcrição

com o meu pensamento – curiosidade, certamente. Também procuro ter racionalidade de números redondos e de vulgaridades.

M.G. – Então, estiveste no Colégio Militar durante quantos anos?

J.F. – Sete anos.

M.G. – E o que se seguiu ao Colégio Militar?

J.F. – Deixe-me dizer talvez, rapidamente, ainda sobre o ambiente.

M.G. – O ambiente do Colégio Militar.

J.F. – Não, o ambiente familiar e, digamos, de inserção urbana. Meu pai era militar, o meu avô era militar e, como eu disse, havia depois primos, também. Eu fui educado, nesses primeiros anos, digamos, numa ideologia, por um lado, digamos, no respeito ao dever, das obrigações, de cumprir bem as tarefas etc., em algum patriotismo, mas que creio que era temperado muito pela imagem que a família tinha de que o seu patriarca – e a figura do senhor correspondia bastante a esta ideia –, o tal meu avô paterno, era um republicano e, portanto, tinha sido um homem que tinha vindo da província. Ele é um filho de... não de camponeses, mas de gente de província. Portanto, emigra para Lisboa no final do século XIX e sobe, digamos assim, na vida a pulso, como se costuma dizer. É colonialista, neste sentido que faz uma série campanhas na época da ocupação colonial efetiva, em Angola, Moçambique, numa data de anos, mas é também republicano. Desde a primeira revolução falhada de 1891 que é um sargento republicano, portanto, aqueles que conspiram e tal.

É claro que quando vem a república, ele já é oficial e progride, e progride até politicamente, porque é próximo do António José de Almeida, que vem a ser presidente da República, ministro e presidente da República. E portanto, ele tem... Nessa altura, a política estava muito metida no Exército, ao contrário do que aconteceu depois. E portanto, ele é um dos fundadores do Partido Evolucionista Português em 1912. Ora bem, quando vem depois a ditadura, evidentemente que ele é afastado, é perseguido e sente-se sempre perseguido e passa a ser, digamos, um resistente antifascista, dentro daquela perspectiva um bocado reviralhista,

## Transcrição

como se dizia, de opositores que tendiam sempre a enfatizar a república, o período curto de 1910 a 1926, como tendo sido um período de grande progresso e tal.

Portanto, o meu pai não era nada politizado, político, digamos assim, e fazia grande questão em não se meter nem em apoios ao regime, mas, também, em nada de oposições. Por exemplo, em minha casa, lia-se, todos os dias, o *Diário de Notícias*, que era, digamos, sempre considerado um porta-voz das posições governamentais, e o *Diário de Lisboa*, que era um dos diários possíveis da oposição. Portanto, ele procurava ter sempre essa...

Portanto, digamos que esse ambiente familiar predispôs-me para ir para o Colégio Militar, em primeiro lugar, e provavelmente, para ir para uma carreira militar. Certamente que o meu avô e o meu pai teriam ficado satisfeitos, ou ficariam satisfeitos, ou coisa assim, mas eu próprio, neste ambiente, naturalmente, disse: “Eu quero ir para o Colégio Militar, também”. Pronto, e assim fiquei e lá passei sete anos interno. Era um internato bastante rigoroso: saíamos uma vez por mês, ao fim de semana.

A.C. – Uma vez por mês?

J.F. – Uma vez por mês. Digamos, todos saíam, exceto os que tinham as famílias fora. Um fim de semana, nós ficávamos, obrigatoriamente, todos lá, e os outros dois ou três, dependia das notas. E qualquer nota negativa que se tivesse, num exame, numa chamada ou numa coisa assim, já era inibidora de uma saída. Castigos disciplinares, então, [inaudível]. De maneira que tive esse fechamento, esse fechamento em uma instituição fechada, e eu creio que isso também motivou, no meu caso, digamos, um retardo grande de uma série de amadurecimentos, que para mim vieram tarde. Por exemplo, eu lembro-me de já ter uns ligeiros namoricos aos 15 anos ou coisa assim, de andar atrás de uma rapariga, mas ao mesmo tempo, também gostar de ficar em casa sozinho a jogar ao botão, na mesa de jantar de casa, o futebol de botão ou uma coisa qualquer. E, realmente, eu amadureci como pessoa e tal um bocado tardiamente.

H.B. – Mas a rotina na escola era uma rotina que possibilitava muito isso de solidão? Era uma disciplina muito rígida?

J.F. – Bom, havia, digamos, dois processos, creio eu: o processo de todos os colégios internos e de todos os colégios ordeiros, que têm sempre uma disciplina bastante rígida e, portanto, já

## Transcrição

sabem que 10%, ou qualquer coisa assim, são os que violam as regras estabelecidas e, depois, em parte, têm a simpatia da maioria e, em parte, alguns começam a trilhar caminhos de dissidência, de separação de marginalização desse processo. Eu fui, digamos, sem dificuldade, cumpridor dessas regras e dessa disciplina e tal. E depois tem uma outra ordem que é a ordem realmente das comunidades juvenis fechadas. Penso que até os conventos, provavelmente, terão coisas desse tipo. Mas tudo que é colégio... que eu saiba, colégios internos e ambientes fechados – porque, eventualmente, prisioneiros também, mas diferente –, depois criam uma própria ordem interna e contradições próprias e tal. E essas, penso que ali eram muito marcadas, certamente, por aquele machismo larvar juvenil de afirmação. Por exemplo, as iniciações sexuais, que para muitos se passavam aos treze, quatorze, quinze anos. No exterior, necessariamente, mas depois traziam histórias que nós comunicávamos uns aos outros e criticávamos e tal, ou ambicionávamos fazer o mesmo e não tínhamos coragem para o fazer. Outro tipo de violações eram as saídas ilícitas desse internato. Aquilo é uma grande quinta, ainda hoje lá está, mas, enfim, os muros também se saltam, não é? De maneira que havia quem saltasse o muro para ir à taberna da esquina beber uns copos à noite e disfarçar-se. Porque estávamos uniformizados como militares, ou como penitenciários, portanto, cá fora éramos logo identificados. Portanto, fazia-se os disfarces vestimentais.

Pronto, esse foi um bocado o ambiente em que vivi. Agora, com outros valores muito interessantes, acho eu, que nos terão marcado, aos que fizeram estas experiências precoces, para toda a vida, que é, digamos – justamente, aí não há isolamentos, ou há dificuldade, ou então, entra-se no campo das patologias –, que é a força do coletivo sobre cada um, mas, ao mesmo tempo, um respeito que era incentivado de cada um pensar...

Ainda agora me disseram, eu nem sabia isso, que, a certa altura, perguntaram aos pais, por escrito, numa declaração em que diz: “Tem alguma coisa a opor a que o seu filho assista a missa ao domingo?”. E os termos em que isso era dito – era um papel escrito, me mostraram – é realmente curioso para a época, “tem alguma coisa a opor?”, seja porque é de outra religião, ou de religião nenhuma, quer dizer, sem aquele sentido discriminatório que se poderia pensar ter: quem não é, é logo identificado, menosprezado e tal. Não. Portanto, havia, apesar de tudo, bastante respeito, e portanto, aquele sentido de solidariedade, que, em alguns casos, pode ser para cobrir mesmo uma pequena patifaria ou um ato menos lícito, digamos, em que o grupo se une todo – aquela coisa de todos por um e um por todos –, é tudo comunitário, digamos assim, face ao exterior sobretudo, mas muitas vezes é para ajudar o que está em dificuldade. E

## Transcrição

normalmente é para ajudar o que está em dificuldade. Portanto, digamos que o grupo tende a unir-se para alguém que tenha a dificuldade, o acidente, o azar etc.

M.G. – Depois desse período, tu continuaste os estudos a nível militar, digamos?

J.F. – Sim, senhora. Quer dizer, no meu tempo, do Colégio Militar saíam talvez 50% de pessoas para as carreiras militares e talvez outros tantos, menos talvez, para a universidade.

M.G. – E foi uma trajetória pensada por ti, querida por ti, sugerida pela família? Ou era...?

J.F. – Não, nunca foi sugerida pela família. Por exemplo, havia muita a ideia que... Gostavam que eu fosse médico e tal. Não, comigo foi isto que aconteceu: eu quis seguir numa carreira militar. Mas fiz uma ruptura – para mim, era uma ruptura, e para a família, também –, ao querer ir para a Marinha. E portanto, aí não havia ninguém próximo com essa experiência.

M.G. – E por que essa decisão?

J.F. – Essa decisão tinha a ver, creio eu, com duas coisas – já pensei um bocado nisso –, tinha a ver com a ideia que eu fazia e que aprofundei depois, muito mais tarde, de um certo imaginário que ligava a Marinha à república e, digamos, a intervenções cívicas, ou políticas, ou qualquer coisa assim que ela tinha tido, tinha a ver, portanto... Digamos que, dentro do militar, era o militar que me parecia mais com um papel político deliberado. E tinha a ver com a ideia da viagem, do conhecimento, de romper as barreiras, de correr o mundo, que era uma motivação de base, eu diria, de 90% das pessoas que eu fui encontrar na Marinha. E portanto, ao fazer esta *démarche*, eu creio que para o meu quarto ano do liceu, portanto, aos meus quatorze anos, terei tomado essa decisão. E devo ter sido uma espécie de militante, porque ainda hoje há fulanos que me dizem: “Tu é que me levaste para a Marinha, e depois te puseste a mudar”. E depois quase que pedi contas. Portanto, eu admito que tenha realmente influenciado pessoalmente uma série de amigos juvenis dessa época.

A.C. – [Inaudível].

## Transcrição

J.F. – [Inaudível] e tal. De tal maneira que fiquei muito orgulhoso – é claro que me beneficie do estatuto do meu pai, que, nessa altura, já tinha um estatuto muito elevado, era general ou coisa assim –, foi de, no meu sexto ano, ter conseguido, pela primeira vez, que eu e mais dois que se voluntariaram embarcássemos no navio-escola Sagres, no antigo navio, e fizéssemos uma viagem, um cruzeiro com os cadetes da Escola Naval, em que eles, muito simpaticamente, depois de umas praxes iniciáticas, nos aceitaram muito bem, e portanto, fizemos uma viagem fantástica. Depois se viu outros, atrás de mim, também eles conseguiram...

M.G. – E para onde é que foram, nessa viagem?

J.F. – Ilhas atlânticas e Espanha.

M.G. – E portanto, esse período da Marinha foi até quando?

J.F. – Mil novecentos e sessenta e oito. Eu entrei para a Escola Naval em 1960 e saí em 1964. Fiz um curso normal. Entretanto, do ponto de vista biográfico, acontece uma coisa que vai ter grande impacto na minha vida, que foi a morte do meu pai. Meu pai era um general muito considerado, porque pertencia à elite, mas, com o tal não-alinhamento político, ele também deve ter tido alguns dissabores no regime, e quando começa a guerra em Angola, ele tinha sido professor de gerações de corpos do Estado-Maior, dizem: “Ah, então, agora, tu és o mestre aí na escola, agora vais é para o terreno e vais ser posto à prova”, e foi mandar as tropas em Angola, no começo da reocupação, lá aquela insurreição. Isso, eu acho que correu, do ponto de vista militar, bem e em seis meses aquilo ficou reocupado e tal. E a partir daí, a bola estava outra vez do lado dos políticos, ou seja, qual a atitude de Portugal perante essa guerra. Bom, ele, infelizmente para ele, teve um acidente lá naquelas inspeções e o avião em que ele ia caiu e ele morreu. Portanto, meu pai, aos 54 anos, morreu e eu fiquei sendo, mesmo na Marinha, como... bom, o lugar que fui fazendo lá, mas também o filho do único general que, no século XX, morreu no comando de tropas e não sei o quê. Ou seja, as pessoas esperavam bastante de mim, do ponto de vista profissional e militar. E eu creio que lhes dava algumas esperanças. Por exemplo...

A.C. – Tinhas um desempenho...

## Transcrição

J.F. – Tinha um desempenho bom, isso eu sei. Escrevi artigos – já era um bocado a veia da escrita –, escrevi artigos sobre isso e sobre aquilo. Isto, ainda era cadete. Creio que fui o segundo cadete a escrever naquela revista *Anais do Clube Militar Naval*, que é uma revista centenária. Por convite deles, que me convidaram. E portanto, fiz esses quatro anos de Escola Naval sem mais histórias e depois fiz quatro anos de desempenho como oficial, e onde, também, imagino que... As informações que me davam eram: “Sim, senhor, temos aqui um futuro brilhante oficial”. Então, toda essa gente, em 1968, quando eu desertei, ficou surpreendíssima e chocada. Os meus amigos, hoje também percebo que teria mais respeito e afetuosidade por parte deles do que aquilo que eu julgaria na altura. E portanto, isso foi um ato marcante, digamos assim.

M.G. – E essa tua decisão levou muito tempo para ser tomada? Como é que foram os antecedentes?

J.F. – Foi tomada durante os dois anos que eu tive de permanência em Moçambique. E eu fui... Não fui voluntário, mas fui de bom grado, vamos lá, para... no fundo, era já para a guerra, que também já havia em Moçambique, com esta ideia de “deixa-me ver com meus olhos o que é isso do colonialismo português”. Porque, evidentemente, já eu, a partir de 1964... Sim, mesmo na Escola Naval, nós tínhamos um grupo que chamávamos o Grupo de Republicanos, que discutia a situação política e o papel das Forças Armadas na manutenção do regime. Bom, disse: “Deixe ver com os meus próprios olhos o que é Angola e Moçambique e tal”. E, durante esse período, cheguei a duas conclusões, para mim, decisivas e com um certo grau de dramatismo: é que, por um lado, eu realmente tinha traçado os limites de colaboração com o regime, do ponto de vista político, e havia coisas que eu nunca faria. Estive a beira de ficar nesse limiar que terminaria com a minha prisão e, enfim, viria para uma prisão qualquer. E era nomeadamente isto. Eu dizia: “Se eu estiver numa situação, tipo infantaria, a ter que... com homens... confrontar guerrilheiros e trocar tiros, aí isso eu defendo, estamos mais ou menos de armas iguais”. Agora, eu era especialista em artilharia, em bombardeamentos, e estava num navio, “se me dizem, no navio” – a Frelimo não tinha navios –, “para bombardear terra, isso eu não faço. E portanto, se tiver essa ordem, eu aí desobedeço.” E se desobedeço em frente do inimigo, isso é o fim. E isso estive quase a acontecer. E houve coisas dramáticas. Houve uma altura em que há

## Transcrição

um dos meus camaradas no navio que faz o gesto fantástico de falsear a mensagem. E ele sabia. Eu nunca lhe tinha dito, mas ele já tinha percebido que eu nunca bombardearia e também sabia que, se eu não desse a ordem, ninguém mais sabia fazer isso. Portanto, eu estava a vontade. E aquilo está iminente, e eu a retardar ao máximo, para ver se havia qualquer coisa, e a certa altura, chega uma mensagem a dizer: “Não bombardeiem porque há tropas amigas, tropas portuguesas na área”. Ora bem, hoje sei que foi esse meu camarada que deturpou a mensagem, que diria qualquer coisa como “não bombardeiem sem se certificar que não há tropas portuguesas na área”, ou alguma coisa assim.

H.B. – Só tirou um pedacinho.

J.F. – Mas salvou-me.

H.B. – Claro.

J.F. – Isso é fantástico, sobretudo porque ele nunca me disse nada. Eu soube isso agora, 40 anos depois, há pouco tempo. Pronto. Mas a minha decisão foi essa.

M.G. – E foi uma decisão tomada em pensamento individual?

J.F. – Individual.

M.G. – Não havia um [inaudível].

J.F. – Havia um espaço para isso. Nós éramos um navio grande. Nós tínhamos, na época, uns 180 homens, mais ou menos, e 12 oficiais, por aí. Eu era o mais velho dos jovens. Havia o comandante, o imediato, o engenheiro, o médico e depois, os jovens tenentes, e eu era o mais velho e julgo que era o líder desse grupo. Nós fizemos coisas muito interessantes, seja de contestação, digamos, sócio-cultural... Estamos em 1966, portanto, nos vestíamos como os *foreign boys* da Califórnia, quando estávamos de licença. E fazíamos muito galas de ser o mais profissional possível e nada nos poderiam apontar no plano técnico, mas depois, nas horas de licença, era a borga, a festa. Volta e meia, íamos à África do Sul – tínhamos que ir lá por causa

## Transcrição

da docagem dos navios, porque não havia docas secas em Moçambique para isso –, e em África do Sul havia uma libertação: a mocidade [inaudível], as universitárias, que quiseram ir conosco para os copos etc. Portanto, tínhamos essa discussão. E a Marinha tinha essa tradição de liberdade de discussão, havendo projeções de discutir-se sobre questões políticas, questões morais.

Era muito engraçado, porque lembro que quando cheguei na Escola Naval, um professor de inglês que era um antigo oficial da Marinha britânica que nos dizia: “A Marinha da Inglaterra é assim, e cá também deve ser, discute-se tudo”. Entre os oficiais, é claro. Isto sempre é a um nível elevado. “Salvo três assuntos que são tabus e que nós não queremos discutir: *women, politics and religion*.” Claro! Discutíamos exatamente essas coisas, mulheres, política e religião, e frequentemente.

M.G. – Então, com essa tua decisão de sair... Como é que isso aconteceu, exatamente?

J.F. – Há um segundo aspecto, é que eu também... Esse é o aspecto talvez mais dramático para mim. Portanto, por um lado, decidi que eu tinha que sair, e não havia a possibilidade de sair a bem, vamos lá, e por outro lado, eu cheguei à conclusão que eu não me via numa vida profissional no sistema militar. Neste sentido, começou a ser insuportável receber ordens, ter que escutar ordens de alguém pouco inteligente, ou burro, como se dizia, e portanto, que não era capaz de explicar, de nós compreendermos as razões etc. Portanto, julgo que sou... Sempre fui muito colaborativo, sempre capaz de trabalhar em equipe e tudo mais, mas ser comandado, autoritariamente, por alguém que podia não ter as razões mínimas para eles aceitarem, tornou-se... Ou seja, eu disse: “Eu gosto muito da Marinha, da vida do mar, enfim, a vela e essas coisas apaixonaram-me sempre muito, desde miúdo, mas esta Marinha é uma Marinha militar e, provavelmente, tem mesmo que ser assim, e não dou para isto, e portanto, tenho que...”. Então, tive aquela ressaca do tal de retardo de crescimento pessoal de... “Tenho que ir aproveitar o meu tempo, tenho que ir para a universidade, tenho que aprender o que não aprendi, tenho que ler a literatura”. De resto, li muito. Lia-se muito nos navios, nesse tempo. Havia tempo para isso, para queimar o tédio. Portanto, foi essa a decisão, que eu tomei sozinho. Mas...

M.G. – Estavas aonde nessa altura?

## Transcrição

J.F. – Em Moçambique. Mas devo dizer uma coisa, um ano depois de eu estar em Paris, um dia, batem na porta e era um dos meus antigos companheiros de Moçambique, e eu digo: “Olá! Estás bom? Então, vens de férias até Paris?”. E ele disse: “Não. Desertei também”. Foi o segundo. O terceiro não desertou, porque aconteceu uma cena difícilíssima: quando vem... Ele ainda ficou lá e eu fui mandado a regressar ao fim de fazer a minha comissão – fiz dois anos em Moçambique –, para ir para a França para tirar uns cursos. Porque havia uns novos navios que estavam a construir em França e era preciso fazer essas [inaudível] e tal. Um dos meus camaradas, que tinha sido um dos mais contestatários comigo e que eu estava convencido de que viria certamente depois de mim – sem haver nenhum compromisso entre nós, mas estava convencido que viria –, ele disse-me: “Entregue-me esta carta a minha família, quando chegares a Lisboa”. E a família era de um oficial da Marinha, de resto, de esquerda, penso que até da área do Partido Comunista. E eu não conhecia o senhor senão de nome, mas fui à casa dele e entreguei, e o senhor afasta-se, a ler a carta, e fica possesso e vem a dizer: “Vocês estão doidos!”, numa linguagem assim, [inaudível]. Eu percebi que a carta, digamos, pré-anunciaria qualquer coisa que o deixou completamente...

M.G. – Perturbado.

J.F. – E pronto, e foi muito complicado. Eu não sabia o conteúdo da carta, mas não quis entender o que se percebia que poderia ser. E portanto, a seguir, houve toda uma... E foi uma pessoa... Esse meu amigo da altura, depois ele foi um dos mais ativos no 25 de Abril. E eu tenho a certeza que se não tivesse feito o que fiz, tinha estado no 25 de Abril. Pronto, vim de Moçambique e desertei, a partir daqui de Lisboa.

M.G. – A partir de Lisboa?

J.F. – É. Porque só servia se fosse com o passaporte diplomático, que era para a França. E se desertasse lá, eram [inaudível] francesas que me iriam a buscar. Portanto, eu já tinha decidido ir para a França.

H.B. – Isso não foi um problema nem na instituição nem na família? Ou foi um problema?

## Transcrição

J.F. – Foi um problema. A minha mãe, portanto, que era viúva, sofreu bastante, porque uma boa parte... para alguns da família e dos seus amigos e tal, ainda para mais com a memória do meu pai um bocadinho endeusada, o filho ter feito uma coisa dessas foi um ato inqualificável. E na instituição, realmente, teve um impacto grande. Eu não fui o primeiro a desertar, de oficiais do quadro, mas creio que fomos, no total, uns seis. Creio que fui o segundo ou o terceiro. Só que aos outros, sabia-se: “Ah, ele está aborrecido com a vida que escolheu, não pode sair e foi ganhar mais dinheiro para uma profissão civil, foi para o estrangeiro”. O outro era demasiado jovem. E eu, realmente, acho que tinha uma posição de destaque e era um exemplo, e portanto, foi choque para uns, que não compreenderam, que acharam que eu estava doido ou qualquer coisa assim, e para outros, eu creio que ficou... Muitos disseram depois que não puderam ou não quiseram fazer o mesmo. Teriam tido vontade de o fazer. E muitos disseram, a partir de... Isto é em 1968. O Salazar cai da cadeira quatro meses depois e começa um período de alguma abertura política. E, agora sei isso também melhor, começa, na Marinha, o processo de organização do que veio a ser o 25 de Abril. Portanto, eles começam a criar, a conspirar em escala importante, sobretudo com base naquele Clube Militar Naval, que era uma associação, portanto, um bocado à margem da instituição. Beneficiaram-se de um ministro da Marinha do Marcelo Caetano que era um homem progressista, era um homem que tinha sido sempre considerado e que se considerava democrata e tal e que, portanto, fechou os olhos e quase consentiu muitas dessas atividades de politização etc. que se foram desenvolvendo nesses anos. E portanto, o que em geral se diz é: “Pois o Freire foi aquele que se foi embora sozinho, por ato individual, puramente individual”, porque ainda não tinha começado esta movimentação coletiva. Eu, para mim, digo felizmente, porque ainda fui a tempo de não me envolver nessa outra, porque teria adiado o meu segundo problema, que era de não me considerar mais compatível, digamos, com a profissão e com a vida militar.

M.G. – Tinhas contatos em Paris? Como é que foi a tua chegada a Paris e a tua vivência nessa viragem tua?

J.F. – Eu tinha ido a Paris... Eu era desportista, praticava esgrima, tinha... Tínhamos contatos na universidade. Eu mesmo, quando frequentei a Escola Naval, tive uma [inaudível], porque como era esgrimista já num nível elevado, tinha autorização para sair todos os dias. Eu vinha todos os dias a Lisboa, à Faculdade de Ciências fazer os meus treinos e depois voltava, à noite, a dormir

## Transcrição

na Escola Naval. Portanto, tinha contatos. E lidei com gente que depois veio a ser do MES, a partir de 1962, a crise de 1962. Lidei com essa gente, o [inaudível] e toda essa gente. E também fui a Paris antes de ir para a África, onde não tive contatos políticos nem com portugueses, mas com os meus conhecimentos franceses que lá tinha, sobretudo no meio do desporto, fiz uma certa prospecção, digamos assim, das possibilidades e disse: “Se eu um dia vier a estudar, é para cá que venho”. E depois, também, tinha uma certa costela da cultura francesa, portanto, lia muito melhor o francês do que o português. Nessa altura, que lia muita literatura ficcional, era muito os autores franceses que nós prestigiávamos.

Bom, e depois, encontrei um neto da escritora Maria Lamas, oposicionista, que vivia em Paris – encontrei-o em Moçambique quando eu já estava a decidir se ia para Paris –, com quem eu tinha grande confiança e a quem revelei que “eu vou-me embora” e que me disse: “Olha, toma o contato da minha avó e do Jorge Reis”. Jorge Reis é um escritor que está exilado em França nessa altura, que tinha ganho o Prêmio Camilo Castelo Branco, que é o prêmio nacional do romance, que até era um homem de nome conhecido, mas que estava lá. Portanto, foram as duas moradas que eu levei: Maria Lamas...

M.G. – E Jorge Reis.

J.F. – ...e Jorge Reis.

M.G. – E portanto, foi aí que começou a tua relação com as ciências sociais?

J.F. – Bom, quando eu chego a Paris, não tenho ainda ideias precisas sobre que curso queria fazer. Mas eu, os meus cursos... Eu tinha sido aluno mediano. Nunca fui brilhante. Às vezes, até tive algumas dificuldades nas matemáticas, e não gostava especialmente das ciências da vida, das biológicas e assim. As matérias que realmente me apaixonavam, que eu queria sempre ir para diante e além dos programas eram: a história, um pouco a geografia e, espantem-se, para aqueles do meu tempo, a organização política e administrativa da Nação, que era uma cadeira obrigatória de final do secundário onde estudávamos a Constituição e mais umas coisas – os princípios da organização corporativa e tal. Mas com um bom professor que eu tive, dava para discutir tudo, e portanto, as doutrinas político-sociais que estavam por trás e tal. Mas era sobretudo a história que eu mais gostava. Meu pai também gostava muito de história e passava-

## Transcrição

me muita coisa, incentivava-me e tal. Portanto, eu não sabia exatamente o que... mas era na área das humanidades e das ciências sociais, certamente: psicologia, cinema, sociologia, ciências políticas, história, e pronto, à volta disso. E depois, como eu cheguei a Paris em abril e em maio desencadeia-se o famoso Maio de 1968...

A.C. – Foi nessa altura que...

J.F. – Exatamente. Que me pôs rapidamente em contato com alguns franceses e portugueses, então, finalmente. E eu tive que fazer as coisas até setembro, para as inscrições, e falando com este e com aquele, acabei por decidir ir para a Sciences Po, que era, na altura, uma escola já muito considerada, mas considerada bastante conservadora. Liberal, mas conservadora. E eu achei... Preferi ir para essa porque me disseram que tinha bom ensino em ciência política e ciências sociais. Eles tinham vários cursos, e portanto, eu fui para um curso de ciências sociais e políticas. Nos programas, aparentava-se um bocadinho ao nosso ISCSP. Realmente, era um ensino de grande qualidade, combinando sociologia e ciência política. E em França, na altura, não se fazia ciência política senão ali, realmente. Portanto, os grandes politicólogos, desde os anos 1950, para não falar dos antigos, estavam ali. E da sociologia, também tínhamos lá excelentes professores. Aquele me deixou a primeira grande marca, porque foi logo no primeiro ano, foi o Henri Mendras. E portanto, acabei por optar assim. E essa escola era considerada, pelos esquerdistas e tal, conservadora. Era, para mim, uma certa garantia que não ia ser a escola que o sistema político logo criou para fechar os esquerdistas, que foi a Universidade de Vincennes, onde foi para lá todo o...

H.B. – Todos os pós-modernos.

J.F. – E portanto, ali já se sabia que era a contestação e era... E eu disse: “Bom, aquilo, por um lado, vai ser um bocado demagógico. Provavelmente, vai dar os diplomas e tal, mas depois, toda a gente dirá que ‘ah, esse vem de Vincennes, não vale nada’. Então, prefiro uma coisa mais séria e mais consolidada, porque eu saberei” – achava que já tinha essa capacidade –, “saberei fazer as minhas escolhas”. Portanto, fiz muito bem.

## Transcrição

H.B. – Paris teve mais que ver com um aprimoramento acadêmico? Não foi tanto a política que levou?

J.F. – Eu acho que era cultural e civilizacional, de certa maneira. Para além da língua, que é um fator importante, certamente. Eu conhecia bastante melhor do que qualquer outro país a cultura francesa e a história da França. E nós, aqui em Portugal, éramos mais influenciados por isso. Toda a nossa intelectualidade é dessa... Muito mais do que pela anglo-saxônica e quase nada pelos alemães. Portanto, Paris ainda era, na altura, quer para as artes, quer para as ciências, uma grande capital, uma grande cidade.

M.G. – Mas acompanhaste também essas movimentações políticas dos colegas que nessa altura também estavam por França?

J.F. – Exatamente.

M.G. – Queres falar desses convívios, desses contatos?

J.F. – Eu, o Maio de 1968, vivi-o naquela agitação diária, já com base na universidade. Embora eu ainda não estivesse inscrito, estava a frequentar a Alliance Française para aprimorar o francês. Mas as universidades abriram-se e eu participei em dois comitês da Action: um na Sorbonne e outro em Censier, que depois também veio a ser uma faculdade. Na altura, era um anexo da Sorbonne e veio a ser uma faculdade autónoma, mas basicamente para as ciências sociais. E portanto, aí eu fiz logo contatos e tal. Fiz também contatos com a intelectualidade portuguesa radicada politicamente lá. Portanto, a partir da... a Maria Lamas era um cruzamento, um foco, toda a gente lá passava: Manuel Alegre; Sertório; Cunhal, não sei, mas mais tarde, o Soares, os portugueses que iam daqui. Porque lá era uma espécie de peregrinação. O António José Saraiva, conheci. Bom, imensa gente. Até que conheci o Villaverde Cabral, já depois, no verão de 1968. E foi assim. E encontramos-nos e tomei conhecimento de que existia já esse grupo de portugueses. Eu não estava especialmente inclinado em fechar-me no meio dos portugueses, justamente queria me beneficiar da abertura, da multiculturalidade, mas eles foram, como naquela época se fazia muito, extremamente abertos: “Vem discutir conosco e tal”.

## Transcrição

E portanto, eu entrei simultaneamente na universidade e um pouco nesta política, que é uma política não formal, de grupos que geralmente se reuniam à volta de uma publicação, que são grupos de discussão, mais do que tudo – ali era um bocado discutido o rescaldo de Maio de 1968 –, e que traziam para ali aquilo que ao mesmo tempo se estava a fazer nas universidades, ou seja, a discussão teórica etc.

E portanto, eu acho que fiz o meu curso de ciências sociais e políticas com uma espécie de trabalhos práticos ao lado, que era o grupo dos *Cadernos de Circunstância* – chamava-se assim essa publicação.

A.C. – E depois, na parte escolar, na parte da formação universitária? Já nos falaste do Mendras. E depois, professores, temas, ciclos?

J.F. – Bom, a certa altura, depois de dois anos talvez de trabalhos para subsistir, como se costuma chamar o trabalho de estudante, que era lavar pratos em restaurante, vender jornais e, sobretudo, ser recepcionista de hotel durante as noites – entrava-se às oito da noite e saía-se às oito da manhã e fazia-se aquele serviço de recepcionista, que nos dava todo o dia livre, e porque às vezes também se conseguia dormir tarde um bocado, uma parte da noite. Mas isso dava pouco dinheiro e, a certa altura... Eu tinha levado umas reservas daqui. O que tinha ganho em África deu-me para aguentar um pouco, mas, a certa altura, comecei a ver que não subsistia. E depois havia, digamos, um tipo de atividade profissional que eu sempre tinha recusado, achava que não tinha a mínima vocação, que era tudo que se ligasse ao comércio, e muito pouco, também, para tudo que se ligasse à burocracia de escritório.

E portanto, entre ter que procurar um emprego desses que não dava nenhuma gratificação pessoal ou até seria uma enorme dificuldade ou ir para a fábrica, que eu sabia que era duro, pelos regimes, pelo esforço, pelos horários etc., mas que me permitia ter um olhar, digamos, já de sociólogo, ou de pré-sociólogo sobre o mundo operário, eu disse: “Eu vou para a fábrica”. Portanto, eu fui para a fábrica – o intelectual que vai para a fábrica – ao mesmo tempo que os maoístas da época foram para a fábrica, o Linhart etc., com intencionalidade política, o que não foi o meu caso.

E portanto, passei a... Mesmo concluí o curso... E foi uma coisa fantástica. Houve um ano que já não consegui, portanto, ficaram-me cadeiras, e no ano que estava para acabar... Porque o regime escolar tinha exames finais longuíssimos, de quatro horas: das oito ao meio-dia

## Transcrição

ou coisa assim. E na época dos exames, portanto, em junho, arrebenta uma grande greve na Renault, com a ocupação dos locais. Aquelas que duravam 15 dias.

A.C. – A Renault era onde tu estavas?

J.F. – A Renault era onde eu trabalhava, na fabricação e montagem de automóveis, em Paris, no setor periférico de Paris. E eu, durante esse período, disse: “Mas como é que eu vou concluir o curso, despachar aquilo?”. Então, cheguei a dormir noites na fábrica, em ocupação, em piquetes de ocupação, e ir a correr às sete da manhã para a faculdade para fazer quatro horas de escrita e tal. Estava convencido que não passava, mas lá passei. Com uma nota muito mediana, mas lá passei. Nestas circunstâncias, concluí.

Mas comecei logo, evidentemente, com esta ligação e com a sensibilidade política, portanto, que havia na altura. O estudante francês politicamente envolvido, naqueles tempos, imaginava uma classe operária revolucionária que devia repetir Petrogrado de 1917, e portanto, havia todo um clima de exagero e tal. E justamente aí que eu quis também perceber como é que era [inaudível] sociológica e [inaudível] ... o operariado. E nesse aspecto, muito rapidamente comecei a trazer para as reuniões dos *Cadernos de Circunstâncias* elementos que contrastavam com essa visão muito política. E portanto, isso aconteceu. Entretanto, casei-me e comecei a apreciar ter um salário, um rendimento certo.

M.G. – Tua mulher estava também em França?

J.F. – Não. Encontramo-nos casualmente em França e foi um amor à primeira vista. E foi ela, portanto... Fez também uma ruptura importante na vida dela, porque tinha cá a profissão. Quase que ia dizer que tinha namorado. Mas tinha a família e não sei o quê. E pronto, e foi para lá e, coitada, e trabalhou duro também. Também trabalhou em fábrica, em certa altura, nos primeiros tempos; e arranjou uma tuberculose, a montar televisões, e pronto. Mas para ela foi temporário e, a seguir, conseguiu um emprego com crianças, [inaudível]. E ela teve um estatuto, digamos assim, até socialmente mais elevado rapidamente do que eu, porque eu comprazi-me um bocadinho... Já agora, deixei-me beneficiar de ter um salário certo e de ter um mercado de trabalho que era muito favorável para quem tivesse uma qualificação operária – e na altura, eu passei da pintura dos automóveis... A certa altura, pude me beneficiar de uma formação

## Transcrição

profissional para adultos e aprendi, durante uns meses, já com uma fração no salário, com um subsídio que era uma fração do salário anterior, a ser operário fresador, que é considerado a aristocracia da mecânica – vocês lembram disso?

Bom, isso me permitiu deixar a Renault e trabalhar em fábricas pequenas e médias ali de Paris. Mas desempregando-me em julho para depois tomar dois ou três meses de verão de férias e, em setembro ou outubro, encontrar facilmente trabalho, no mesmo ou em outro empregador. Pronto, isso deu-me uma liberdade, enquanto pude ter o passaporte, para viajar pela Europa, para fazer política, mais ou menos.

M.G. – E portanto, já tinhas terminado a tua licenciatura nessa fase?

J.F. – Sim, sim. E por que eu não prossegui estudos? Porque... Não houve desencantamento, mas houve, acho eu, uma avaliação algo racional que foi o seguinte: eu, para continuar a estudar a sério... Tive propostas para ir fazer logo uma tese de terceiro ciclo e frequentei mesmo os seminários do Bettelheim, que era um economista político, mas havia umas grandes aproximações, sobretudo pelo lado político, entre a sociologia e essa economia política, e decidi por... Eu não consegui bolsas. Era impossível. Ainda tentei qualquer coisa da Cimat, que eram umas organizações religiosas protestantes que apoiavam estudantes, davam umas bolsas, mas eu não estava inserido em nenhuma rede – evidentemente, não tinha nada a ver com o Partido Comunista, que também eu sabia que arranjava umas bolsas e não sei o quê. Portanto, ter que fazer um esforço enorme de trabalho, sem condições mínimas ou com um trabalho... não dá. Portanto, eu disse: “Isso, para as calendas. Vamos ver”. E comprou-me um bocado em beneficiar-me, digamos, de um estatuto regular, ou seja, de ter segurança social, de poder viajar, de ter um salário pequeno, mas certo, e a minha mulher, também.

E o que aconteceu foi que, a certa altura, começamos a sentir algum cansaço da vida de Paris. E foi uma época em que muitos dos nossos... Nós tivemos relações com muita gente portuguesa e não portuguesa, com franceses, e muita daquela nossa geração, a certa altura, abandonou Paris. Foi a época das Cévennes, de ir para o campo. Por exemplo, o nosso amigo José Rodrigues dos Santos foi um dos que fez essa... trocou um lugar de *enseignant* em Vincennes para ir pastar cabras e não sei o quê no *arrière-pays* francês, no campo e tal. E outros amigos nossos vieram para o sul, mesmo. E nós tínhamos um bocadinho o projeto de ensaiar uma vinda mais para o sul, para Marselha ou Toulouse. Porque em Toulouse havia muita gente

## Transcrição

do anarquismo, portanto, eu conhecia lá muita gente. Havia esse projeto, quando acontece o 25 de Abril e retornamos, regressamos a Portugal.

M.G. – Foi imediato, o teu regresso?

J.F. – Não. Ainda ficamos lá um ano, um ano e tal, porque tivemos a criança, o filho, nessa altura, e não tínhamos nada de apoio, a não ser, eventualmente, a bondade das famílias. E lá havia uma segurança social e ela pôde ser acompanhada, e portanto... E disseram-nos: “Vamos lhe dar um património fantástico que é a nacionalidade francesa, também. Portanto, ele um dia escolherá...”. Isso era, para nós, na altura, muito importante.

M.G. – Era importante. Então, como é que foi o regresso a Portugal um ano depois?

J.F. – Foi em 1975. Nós chegamos em setembro de 1975, no final do verão quente. Não tinha ainda trabalho. Lembro-me que tinha escrito para o Ministério da Educação, e fiquei vexado com a resposta que eles me deram. Eu mandei os meus papéis e, entre os papéis, figurava o diploma de Sciences Po que, para quem sabia, era uma boa referência, embora sem desenvolvimentos seguintes, e mandava, naturalmente, o liceu e não sei o quê e mandava os papéis da Escola... fui oficial da Marinha, da Escola Naval e tal. A resposta do gabinete do ministro da Educação... Com a fúria, rasguei o papel, mas ainda me lembro dos termos. Era com este teor: “Vá à Escola Náutica que talvez lá lhe possam dar trabalho”. Vexado com esta... Quer dizer, passavam ao largo da Sciences Po e iam buscar as minhas antigas qualificações náuticas, e usavam esta linguagem completamente desapropriada. Fiquei furioso.

Bom, e cheguei aí e é o Villaverde Cabral que me diz: “Há uma coisa que se chama ISCTE”, que eu não conhecia, “vai lá e põe os teus papéis”. E fui entrevistado por um aluno, o José Pedro Barosa – hoje, um ilustre colega economista, mas que fazia parte da Comissão de Gestão Revolucionária que geria o ISCTE na altura e que, por ligação dessa comissão, me entrevistou. Bom, mas os papéis contaram e, provavelmente, a opinião do Villaverde terá contado, e contrataram-me em novembro. Em novembro, eu já estava a dar aulas. Eu achei que tinha sido beneficiário de um favor pessoal e, no ano seguinte ou dois anos depois, fiz o mesmo em relação à outra nossa ilustre colega desta casa, que não nomeio, mas fiz a mesma coisa,

## Transcrição

também, entreguei os papéis e disse: “Vai ser uma excelente profissional e docente”. E felizmente...

M.G. – Qual foi a primeira disciplina que lecionaste?

J.F. – Sociologia do trabalho e cooperativismo, que era, digamos, uma área de que eu gostava e para qual preparei-me muito seriamente. Eu ainda hoje tenho alguns papéis das aulas e das preparações e tal. E [inaudível] me ajudou, quer dizer, fui às bibliotecas pessoais dos cooperativistas da altura. Ainda existia o pai do Afonso de Barros, o Henrique de Barros, que era um grande teórico do cooperativismo, existia o Ferreira da Costa, e eu conheci essa gente. Portanto, acho que me preparei muito bem. Os alunos, assim e assim... Estava-se naquela fase realmente ainda do 25 de Abril, do Prec, das grandes mudanças. Eu tive turmas onde tinha um número importante de gente do MRPP, que eu sentia que estavam ali e não estavam; já estavam era no comício que iam fazer depois ou que [inaudível].

A.C. – Que era um grupo maoísta radical.

J.F. – Quer dizer, nas aulas, foram sempre educados comigo, nunca se comportaram coletivamente. Bom, eu comecei a recensear os próprios interesses deles, a maneira como depois abordavam – vinham, digamos assim, lá misturados. A ideologia política deles vinha misturada no meio dos trabalhos académicos.

M.G. – E não nos recordas de alunos e de colegas desse tempo, daqui do ISCTE?

J.F. – Bom, quem dirigia, se não estou a errar muito: o Laginha já era dessa direção; o Mário Murteira também; o Emílio, eu penso que também já estava no Conselho Científico; o Villaverde deixou de estar porque foi uns anos para a Inglaterra, e portanto, na altura não estava. Lembro que, por exemplo, no segundo ano, dei outras matérias, teoria das classes sociais ou coisa assim, com o Duarte Silva, que era um homem do direito, mas um marxista que conhecia, digamos, toda a canônica marxista integral, o Duarte Silva e o Madeira Bárbara. Da sociologia do trabalho, na altura era o Marinús e o David Miranda e a Fátima Patriarca. Mas eu não entrei logo para...

## Transcrição

M.G. – Para a equipe.

J.F. – Não havia equipe, digamos assim. Não havia. Eu dava a minha cadeira. E creio que só aí para o terceiro ano, em 1977 ou 1978, é que se começa a constituir a noção de equipe e tal.

M.G. – Ao mesmo tempo, tu davas alguma colaboração em outras universidades, nessa época.

J.F. – Dei no ISCSP, a pedido do Mário Bandeira.

M.G. – E eram os mesmos colegas, as mesmas pessoas?

J.F. – E encontro o Fernando Ferreira Lopes, que depois veio para cá; a Teresa Sousa Fernandes; o Mário Bandeira, que era dirigente da instituição na altura, assistente. Mas foi uma coisa episódica, porque o ISCSP foi encerrado, por “degradação pedagógica” – era o termo utilizado no decreto do Cardia. E portanto, pagaram-me o resto do ano, mas eu só dei um trimestre de aulas ou coisa assim.

M.G. – Portanto, sentias que a tua pertença institucional era já aqui.

J.F. – Era aqui.

M.G. – E ao mesmo tempo, também há referências à colaboração com a Universidade Nova.

J.F. – Com a Nova é mais tarde. Com a Nova é um bocadinho mais tarde.

M.G. – É um bocadinho mais tarde, já no princípio dos anos 1980?

J.F. – Exatamente.

M.G. – Antes do teu doutoramento?

Transcrição

J.F. – Antes do meu doutoramento.

M.G. – Não sei se queres encadear, portanto, essa tua trajetória como professor e depois...

[FINAL DO ARQUIVO JOÃO\_FREIRE\_14.05.2010\_01]

A.C. – ...a sociologia do trabalho. Podemos ir por aí, não é? Depois há um outro aspecto que é a tua atividade com grupos anarquistas e publicações. Falamos nisso agora ou primeiro voltamos ao curso académico?

J.F. – Talvez.

M.G. – Agora os cursos académicos e depois voltas. Tens aqui muitas colaborações a nível institucional com várias universidades: depois, também com Santarém.

J.F. – Mais tarde.

M.G. – Mais tarde. Pronto. Encadeias com o que te parecer melhor, e depois, ainda mais tarde, uma presença muito forte aqui no nosso departamento, na nossa instituição.

H.B. – O ambiente da licenciatura em Paris, era muita mobilização?

J.F. – Política?

H.B. – Sim.

J.F. – Na minha escola havia representações, digamos, das várias áreas políticas, mas o que era uma certa exceção. Havia, por exemplo, um grupo de extrema direita forte. Semelhante a isso, ou ainda mais forte, só em direito, a Faculdade de Direito de Paris, na rue d'Alsace, que era um bastião daquilo que mais tarde veio a ser o partido do Le Pen, a Front National, a Frente Nacional. Portanto, havia os esquerdismos da época. Penso que o Partido Socialista Unificado

## Transcrição

(PSU) era o mais significativo, e tive vários professores – por exemplo, o Roland Cayrol, que é um homem que ainda está ativo na ciência política...

H.B. – Na hora que eu fiz a pergunta, eu acho que não me expressei bem. Porque há os que saíram daqui um pouco exilados e há os que saíram por uma escolha de formação. Tem diferença isso no grupo?

J.F. – Está a se referir aos portugueses?

H.B. – Sim, em Paris. Porque o seu relacionamento lá... O Villaverde é uma das pessoas com quem tem esse contato, não é?

J.F. – É.

H.B. – E ele estava lá numa condição de militância muito forte.

J.F. – Ele estava... As pessoas que foram para lá, uma ou outra tinha ido para viver um ambiente intelectual e artístico diferente e ou tinham ido por sua iniciativa ou com bolsas; depois havia um grupo importante de gente que tinha ido para fugir à polícia.

H.B. – Pois é.

J.F. – Eu não fui para fugir à polícia. Eu tornei-me, digamos, inimigo da polícia depois de ir embora da maneira que fui. Portanto, não fui forçado; foi deliberado, nessas condições que relatei. Havia muita gente como eu, não no sentido de que estivessem tão envolvidos quanto eu estava, mas no sentido de não quererem ir fazer a guerra em África. E isso levou imensa gente. Era o maior número. E portanto, alguns eram desertores mesmo, porque iam-se embora só quando já estavam...

A.C. – Quando já estavam em Portugal.

J.F. – E muitos outros, nem sequer isso, ou seja, eram...

## Transcrição

A.C. – Não eram desertores.

J.F. – Iam-se embora e pronto. E esse que era o maior número.

A.C. – O maior número era de refratários, de longe.

J.F. – De longe, exatamente.

H.B. – Mas os encontros de amigos, da comunidade portuguesa lá era muito forte.

J.F. – Com grandes divisões políticas. Por exemplo...

H.B. – Porque esse ambiente era interessante falar, não é?

J.F. – O meu grupo, este grupo que, na altura, digamos, por aquilo que se lê... A revista é uma revista que do ponto de vista analítico-político é marxismo; do ponto de vista sensibilidade, é o espontaneísmo [inaudível] *plus tard*. Todos. Só eu, desse grupo, e o Carvalho Ferreira é que depois nos dissemos anarquistas, a partir de certa altura. Os outros não. Mas a sensibilidade...

M.G. – Era a da época.

J.F. – ...era a dessa época, exatamente. Ora bem, nós tínhamos choques terríveis com os pequenos trotskistas que havia. Eram pouquíssimos: dois ou três. Um deles era o Francisco Alves, o antropólogo que foi diretor do Museu Leite de Vasconcelos, das aquáticas, das coisas submarinas e não sei o quê.

A.C. – Arqueologia submarina.

J.F. – Com estes e sobretudo com os maoístas, que eram vários e bem mais importantes, e com os PCs. Por exemplo, o nosso grupo, aí aliado com os situacionistas, nós tomamos conta de uma instituição que se chamava União dos Estudantes Portugueses em França, que era uma espécie

## Transcrição

de sindicato dos portugueses. Tomamos conta daquilo. Ganhamos as eleições, digamos assim. Fizemos campanha e ganhamos as... Ou seja: “Vamos sacrificar-nos”. E depois, no dia que tomamos posse, no mesmo momento, fizemos um ato proclamatório de dissolução da União dos Estudantes Portugueses em França. Estais a ver o que...

A.C. – É claro. Completamente contra o paradigma...

J.F. – E de representantes e não sei o quê, e a mandar comunicados a dizer que os estudantes portugueses em França dizem isto, pensam aquilo. A gente estava farto já dessas manobras, e portanto...

M.G. – Acaba com a União.

J.F. – Quem fez essa proclamação, creio eu, em nome dos corpos, foi [inaudível].<sup>1</sup>

M.G. – Então, vamos retomar com esta tua trajetória acadêmica e ainda antes do doutoramento. Portanto, se quiseres agora encadear...

J.F. – Muito bem. Em 1977 e 1978, por aí, começa a se pôr o problema dos doutoramentos. Nós não tínhamos ninguém doutorado aqui na sociologia. A Teresa Sousa Fernandes era a que estava mais adiantada, com um doutoramento em Brandeis, nos Estados Unidos, mas não o tinha concluído. E portanto, começamos a ver quem é que vai, quem é que... E eu pus-me na fila para isso. E aquilo que eu queria ter estudado era o trabalho associado. Tínhamos, aqui em Portugal, ainda a reforma agrária, as cooperativas, as empresas em autogestão. E, sociologicamente, era isso que eu tinha ensinado, sociologia do trabalho e cooperativismo, portanto, era isso que eu queria fazer. Só que não havia recursos mínimos para isso. Não havia um tostão para fazer um inquérito. Portanto, tinha-se a dispensa do ensino, e recursos financeiros, nenhuns.

O Cies [Centro de Investigação e Estudos de Sociologia] é fundado, creio eu, por essa altura, com a ideia de o fazer reconhecer pelo antigo Instituto Nacional de Investigação Científica (Inic). Mas não conseguiu, ou as coisas retardaram-se e tal. Portanto, não havia mais.

---

<sup>1</sup> Nesse momento ocorre um intervalo. Conversam informalmente sem microfone e enquadramento correto.

## Transcrição

E eu fiquei neste dilema: “Vou fazer uma coisa para a qual não tenho instrumentos?”. Não podia contratar ninguém, bolseiros, tarefeiros, nada. Então pensei, alternativamente – porque tinha as reticências, “bom, isso vai logo ser visto como eu estar a prestar serviço aos meus amigos políticos” –, pela rede de contatos que eu tinha com os antigos militantes do movimento sindicalista libertário, anarcossindicalista antigo, de aproveitar isso para estudar, digamos, numa perspectiva de sociologia histórica, o trabalho, essencialmente o trabalho industrial, e o sindicalismo e as ideologias dessa época. Pronto, e foi isso que fiz.

E, realmente, pela minha atividade de militante, eu tinha recenseado uma centena de velhotes que tinham testemunhos – a oralidade, mas também documentos. Desses, consegui obter a colaboração para a tese de uns sessenta. Nessa altura, com os mais ativos – era, nomeadamente, com o Emídio Santana, que era um líder muito simpático e muito importante e muito conhecido –, fizemos umas propostas – e o Santana que foi o homem que conseguiu recolher essa documentação, que estava nas mãos de particulares, muitas vezes, encaixotada em buracos e tal – e constituímos um arquivo histórico com essa documentação, com uma ajuda financeira da Gulbenkian, na Biblioteca Nacional. E portanto, eu organizei esse arquivo, que ainda hoje lá está e que serve para teses, tem servido para teses, e eu próprio fiz a minha investigação utilizando também esses materiais. Portanto, foi uma escolha de temática com um bocadinho de recursos que eu acho que consegui controlar de não ter, digamos assim, convicções pessoais ou coisas assim – e acho que isso foi reconhecido –, e foi um bom trabalho, em que eu percebi que, se eu não o fizesse, que perdia-se essa oportunidade.

E portanto, fiz o doutoramento sem ajuda, sem uma ajuda financeira, a não ser a dispensa de aulas durante três anos. E portanto, isso prolongou-se: comecei a produzir, a publicar artigos, a ir em colóquios internacionais a fazer esse gênero de trabalho. E o meu orientador era o José Baptista, um dos primeiros sociólogos doutorados do país. Infelizmente, desapareceu e deixou-nos ainda uns meses antes das minhas provas, e quando fui para as provas, não tinha o orientador, o orientador já tinha desaparecido. Mas correram bem. E portanto, não sei se, sobre isso, se vale a pena dizer mais alguma coisa, sobre esse processo de doutoramento. Penso que...

**M.G. – Não sei se queres associar ou não àquilo que foi também a tua adoção com o ISCTE e com o processo de estruturação do ISCTE como instituição, a sociologia no ISCTE.**

## Transcrição

A.C. – E a sociologia do trabalho.

M.G. – E a sociologia do trabalho.

J.F. – Nessa altura, no final dos anos 1970, começa a haver uma equipe de sociologia do trabalho. Para mim, fiquei muito triste quando o David Miranda, por essa altura, se afastou dessa área, porque ele era uma pessoa muito reconhecida. E portanto, ficamos: o Marinús Pires de Lima, eu, e recrutamos o Duarte Pimentel, e recrutei a Karin Wall, que depois foi para outras áreas, e quando eu estou de sabática, de dispensa do serviço, entra o Alan. Pronto, e fica assim. E nessa altura, asseguramos, digamos assim, as sucessivas alterações desta área na fase terminal dos cursos de sociologia: houve quatro anos, quatro anos e meio, cinco anos, seminário e não seminário, e era Seminário sobre a Sociedade Portuguesa, e depois, áreas. Enfim, várias modalidades, do ponto de vista letivo, e nós éramos uma das principais, na medida em que havia muita gente que queria ir para essa área, e não havia, digamos, uma oferta também muito grande. Havia claramente, depois, a área de política e a área que primeiro se chamou do desenvolvimento e que depois se veio a desdobrar em comunicação, urbana e a rural, e a sociologia rural. Eram estas as áreas, digamos, de saída dos cursos do ISCTE.

Bom, nesta altura, eu era um mero assistente, portanto, não tinha palavra, a não ser na equipe, e para mais nada. Participei também daqueles ensaios que nessa altura se fizeram de constituição de uma primeira Associação Portuguesa de Sociologia, que arrebentou, que não seguiu avante, nos finais dos anos 1970, creio eu, e participei na fundação do Cies, mas não ativamente, porque foi quando eu estava em doutoramento.

E quando regresso é que eu digo: “Bom, já despachei a minha investigação de fundo”. Isso permitiu-me também ter um descanso, vá lá, em relação à atividade letiva e dizer: “Eu tenho que repensar a parte pedagógica da minha atividade na sociologia do trabalho”. E acho fiz muito bem, modéstia à parte, esse esforço de repensar o que se fazia, e achei que tinha uma opinião muito crítica em relação à prática pedagógica dominante, não só desta área, mas penso que era em geral, [inaudível] naquilo que chamavam, nas aulas teóricas ou práticas, em que eu achava que havia uns três que preparavam o texto e discutiam o texto e o sabiam e havia, depois, dos outros, quatro ou cinco que eram os permanentes na sua discussão, e os outros ficavam passivos e alheios e tal. E então eu corri o risco de passar ou de ser antiquado e reinstaurei aquela dicotomia entre aulas teóricas e aulas práticas. As aulas teóricas, falava eu,

## Transcrição

que tirava as dúvidas, e as aulas práticas, realmente procurei que fossem exercícios que todos fossem obrigados a praticar. E portanto, inventei exercícios. E comecei a ter, logo desse regresso – ainda sem categoria de professor, mas já, no fundo, com a responsabilidade de ter a responsabilidade de cadeiras, de coordenar cadeiras –, passei a ter assistentes mais novos, que iam sendo recrutados: a Maria de Lurdes Rodrigues e a Teresa Rosa, por exemplo. Elas foram, essas pessoas, excelentes colaboradoras, sobretudo para organizar as tais aulas práticas. E penso que isso deu um relançamento e um novo interesse, do lado da pedagogia, por essas matérias e por essas áreas. Portanto, eu acho que melhorei muito a qualidade do meu ensino com a interrupção. Portanto, me serviu para o doutoramento e me serviu para repensar o ensino. E daí saiu o meu manual etc.

A.C. – Escreveste um livro de referência sobre sociologia do trabalho.

J.F. – Exatamente, sobre a sociologia do trabalho. Portanto, estamos aí em 1988. A partir daí, começo a ter alguma voz institucional, como professor, para participar em órgãos e tal. Lembro que nessa altura... Eu fiz essas contas, não sei se... O Conselho Científico era muito reduzido, seriam 20 ou 30 pessoas, ou qualquer coisa assim. Lembro de ter tido uns choques, nas primeiras intervenções, com um fulano e tal. Não tinha a cultura. Porque já não era o grupo de cinco que tinha sido, de cinco ou seis: o Pina Prata, a Miriam... Já não era esse grupo; era um bocadinho mais alargado. Mas, por vezes, as relações eram um bocadinho difíceis. E liderava isso o Afonso de Barros e, depois, o João Ferreira de Almeida, presidentes do Científico ainda.

Bom, a primeira tarefa que a escola me comete é que eu sou bibliotecário. E eu, durante quatro anos, fiz isso. Acho que dei uma ajuda. Foi quando a biblioteca passou a ser de acesso aberto. Eu, entretanto, tinha tido a tal tarefa de organizar, na Biblioteca [Nacional], o arquivo, e portanto, para me preparar para isso, tirei um curso mesmo profissional de bibliotecário e arquivista, portanto, isso deu-me alguma bagagem técnica para discutir com especialistas. E, na altura, tínhamos uma senhora que era bibliotecária de profissão que, enfim, tinha posições um bocadinho particulares e não fazia grandes coisas. Ou não fazia muito. Mantinha o que estava e tal. E portanto, com uma mudança dessas, a senhora acabou por se reformar, e lembro que foi o Roque Amaro que me atirou para esse lugar, presidente do pedagógico e supervisionava a biblioteca.

## Transcrição

E depois foi uma sequência: portanto, depois disso, foi o Departamento de Sociologia, que acho que também correu bem. O Mário Bandeira, que era um dos meus críticos, no final, ele propôs um voto de louvor e não sei o quê. Correu bem. Daí fui chamado para o Conselho Científico, fiz dois mandatos e presidi o Conselho Científico da escola durante quatro anos. Percebi, creio ter percebido que a escola que estava a crescer... A partir da Lei da Autonomia, de 1988, creio eu, o ISCTE ficou, digamos, obrigado – em parte porque foi levado a isso, em parte por moto próprio – a ficar autônomo, a não pensar mais em integrar esta universidade ou aquela, e portanto, passou a haver, digamos, com a presidência do Jesuíno no Científico, a haver uma estratégia de desenvolvimento científico do ISCTE. Mas eu percebi que tendo sido lançados esses dados, digamos assim, do ponto de vista orgânico, o ISCTE estava ainda extremamente atrofiado. Os serviços eram mínimos, os serviços de apoio, o *staff* de apoio, e o processo decisional era, ainda, extremamente insatisfatório, insuficiente, e portanto, as decisões importantes que eram tomadas não tinham a preparação, a fundamentação, e até a participação era muito dependente das influências pessoais, digamos assim, em certos casos.

O Ferreira de Almeida entra para presidente do ISCTE, e eu creio que dei um contributo para organizar os departamentos, o funcionamento do científico, e até o projeto que o Ferreira de Almeida tanto acarinhava, de o ISCTE poder vir a ser melhor reconhecido. Já era uma instituição universitária, digamos assim, já não havia riscos de podermos ser relegados para a segunda divisão, mas isso cria condições, e foi quando se pensou em arranjar a segunda instalação física, portanto, uma inserção territorial mais diversificada e ampla. E pronto, e esse foi o meu contributo, ainda em termos organizativos.

Depois, já no final da minha carreira, digamos, no final dos anos 1990 e já depois de aposentado, ou logo em seguir à aposentação, até 2004, nessa linha, aquilo que me pareceu que fiz de mais relevante para a sociologia em Portugal foi participar nos processos de avaliação da universidade portuguesa, em que, no primeiro, era membro da comissão. Era uma comissão que, simultaneamente, avaliou sociologia e antropologia, portanto, funcionava, digamos, em duas metades, em certa medida, e em conjunto em outra, em conjunto com os relatórios que saíram, em grande parte, da minha mão. E depois presidi a outra comissão, em que já foi só de sociologia e que foi mais ampla, porque meteu as universidades privadas também, coisa que o primeiro ciclo não tinha feito. E foi um processo que eu acho que correu bem. Evidentemente, com as dificuldades de os avaliados se reconhecerem na avaliação mais ou menos, mas penso que correu bem, e fiquei pessoalmente gratificado também com isso.

## Transcrição

H.B. – Professor, voltando um pouquinho, nesse clima de um grupo fundador criando uma instituição, do qual o senhor fez parte, no ISCTE, é possível identificar linhas de orientação? Quer dizer, havia uma... não digo disputa, mas, pelo menos, alternativas ali, o que devia ser feito como sociologia e o que não, que linhas privilegiar de orientação?

J.F. – Eu julgo não errar muito em dizer que, possivelmente, o processo seletivo de novos docentes que foram entrando – alguns, produzidos na própria casa, antigos alunos da casa; outros não – foi um processo bastante pensado, creio eu, e que fez com que raramente tenha havido, ou não houve todo, enganos, digamos, de recrutamento, que depois se tornam, nos processos administrativos, irremediáveis e há, muitas vezes, em casos desses, grandes expectativas sobre colegas. Aqui mesmo no ISCTE aconteceu. Mas em sociologia, penso que raramente. E portanto, as escolhas é que foram, digamos, muito cuidadas. Uma sociologia forte, desenvolvida, a par do que se vinha fazendo no estrangeiro foi sempre uma espécie de ambição que nós tivemos, mas não creio que tenha havido aquela ideia de escola, digamos, à volta de tal personalidade ou de tal perspectiva teórica da sociologia. Ou seja, eu acho que houve sempre um espaço muito grande de pluralismo teórico para ser aqui praticado. E portanto, creio que há bourdieuzianos e antibourdieuzianos, touraineanos e não touraineanos. Penso que... Portanto, nesse aspecto de linhas de orientação mais ligadas às sensibilidades e correntes, nunca terá havido, realmente. O que houve, naturalmente, terá sido escolher os mais participados pelo conjunto da docência sobre aspectos práticos, eu penso, estas últimas grandes mexidas na universidade, o processo Bolonha, coisas desse tipo, que terão levado a tateamentos ou hesitações ou resistências mesmo. Mas não tenho essa ideia de... Tenho a ideia, por exemplo, que Coimbra terá sempre muito mais visto... não sei se vivido por eles, mas visto como a escola do Boaventura de Sousa Santos. E aqui, o Villaverde Cabral, a Filomena Mónica, a Maria Eduarda Cruzeiro, o João Ferreira de Almeida são pessoas que coexistiram, que seguiram depois mais ou menos caminhos diferentes, mas não se pode dizer que tenha sido, depois, porque ficou cá mais, a sociologia do João Ferreira de Almeida que ficou a dominar aqui.

M.G. – Talvez pudéssemos agora, embora já tivesses colocado, quanto o aumento que têm sido as tuas publicações e os teus contributos a nível da pesquisa, tudo que seja intelectual. Queres

## Transcrição

sistematizar aquilo que são as tuas referências, do ponto de vista das publicações, que te parecem importantes para [inaudível] e o nosso patrimônio da sociologia?

J.F. – Pois. Eu acho que o meu interesse antigo pela história acabou por ser um bocadinho aproveitado, por aquelas razões que disse, na sociologia histórica que fiz. E aí eu acho que, digamos, a história, não digo da industrialização, mas dos processos de transição de uma produção ainda muito artesanal para a indústria moderna, a indústria em grande série que, em Portugal, se processou no princípio do século, eu julgo que dei... e das classes trabalhadoras envolvidas nesses processos sociais, eu julgo que dei contributos importantes. Sempre me neguei a dizer que aquilo era história, [inaudível] com história. Eu achei que nunca tive formação suficiente para me armar em querer ser historiador econômico-social, por exemplo. Mas lembro-me que, sendo aqui já assistente, tentei várias vezes, nos anos 1970, inscrever-me em história na Faculdade de Letras aqui e nunca consegui, por causa dos números e não sei o quê. Não era para fazer o curso, mas era para tirar certas cadeiras que, a meu ver, me deviam melhorar a minha habilidade, as minhas capacidades nessa área. Mas, portanto, julgo que dei contributos que também são interessantes para os historiadores, nessa área.

E, digamos, deixando de fazer investigação sobre isso, continuei sempre a fazer algum tipo de publicações – porque também ganhei alguma notoriedade nessas áreas e pude ser chamado para colóquios etc. Só agora, em relação ao centenário da república, é que disse: “Não, chega”. Eu só posso já repetir o que já disse, portanto, não gosto... Portanto, não aceitei. Mas continuei a publicar matérias que têm a ver com uma sociologia histórica do trabalho e das classes trabalhadoras. E posso dizer que, neste momento, o projeto de investigação científica que tenho em curso ainda tem a ver com isso, ou voltou a ter a ver com isso, e que se trata de utilizar todo esse arquivo que eu organizei nos anos 1980 na Biblioteca Nacional, agora de forma digitalizada e acessível aos investigadores do mundo inteiro, com uma articulação especial com o Brasil, justamente, e com a Holanda, que tem um grande instituto de história social. E portanto, vamos fazer algum tipo de publicações, que no meu caso, aquilo que eu irei fazer é um bocadinho de coisas que já publiquei, ligadas à família, à mulher e à sexualidade e procriação. Portanto, havemos de publicar, eu espero, coisas nessa área. E ao que chamamos “os roteiros da memória urbana”, que é os processos, digamos, de apropriação pelo movimento social dessas épocas, espantosamente, dos centros das cidades, os centros sociais da cidade. Quer dizer, eles reuniram-se no Rossio ou à volta do Rossio, paredes-meias com o poder, com o

## Transcrição

poder eclesial e com o poder político, e menos talvez com o poder econômico, mas com os poderes simbólicos e tal. Então, essa parte territorial pareceu-nos importante e vamos explorar, e eu, pessoalmente, também colaborarei nessa parte. E pronto, e acabou, já não tenho mais investigação nessa área, digamos, mais histórica.

Depois, a área propriamente da sociologia do trabalho enquanto tema de investigação e, depois, publicações, foi aquilo que eu disse: depois do doutoramento, agora deixei de fazer investigações em sociologia. E agora já começou a haver financiamentos para projetos de investigação atuais, com inquéritos de terreno, com trabalho de terreno, com recursos que era preciso mobilizar, e aí creio que fiz algumas coisas um bocadinho pioneiras, um bocadinho... Há, na literatura antiga da sociologia industrial, uma velha ideia, no processo da organização da fábrica, o papel charneira das hierarquias intermédias, o *foreman*, os contramestres e tal. E isso aqui nunca tinha sido estudado. E portanto, o meu primeiro projeto grande, financiado, com recursos e tal, foi nessas áreas.

Depois seguiu-se, falando das coisas que me ocuparam mais tempo, seguiu-se um trabalho também que foi bastante pioneiro e que me foi suscitado inicialmente pela forma como as estatísticas da OIT organizam muito a informação estatística, e que é juntar, na categoria de trabalho dependente, também, ou como subcategoria, o trabalho independente. E portanto, voltei um bocado ao meu trabalho associado. Aqui não era bem o trabalho associado, embora houvesse toda a componente dos trabalhadores familiares, não remunerados e tal. E portanto, fiz um estudo, que também parece que foi significativo, sobre o trabalho independente em Portugal, que já na altura – estamos em meados dos anos 1990 – permitiu identificar aquilo que era os falsos trabalhadores independentes e que veio a crescer enormemente com as flexibilizações da relação do trabalho formalizado no contrato de trabalho, com as precarizações das relações laborais e, portanto, com o uso abusivo de pessoas que realmente tinham uma subordinação efetiva, mas que, legalmente, eram trabalhadores independentes. Permitiu já identificar e até quantificar esses nichos.

E depois, os processos de independência. Porque já estavam a começar a aparecer políticas europeias, nomeadamente, ditas de... enfim, procurativas do mercado de trabalho e tal, que era empurrar, de certa maneira, as pessoas para a independência. Bom, eu, gostando ou não, isso tem ligações com as minhas observações antigas do processo, digamos, dos trabalhadores de ofício, que tinham, em alguns casos, condições efetivas para, quando eram postos fora da fábrica, poderem subsistir continuando a trabalhar na sua arte. Aqui, a situação era diferente.

## Transcrição

Portanto, tinha algumas relações do passado, mas era um fenômeno diferente que estava a começar: *small enterprises*, que eram, no fundo, as microempresas... Eu acho que fui o primeiro a falar de microempresas em Portugal, a usar o termo e a operacionalizar. Uns anos depois, pronto, tornou-se uma categoria analítica. Portanto, esse foi um segundo que me deu gozo.

Tive um terceiro, uma experiência, simultaneamente, profissional, de ensino e de investigação interessante que foi uma estadia de seis meses no Canadá como professor visitante de uma das universidades canadianas. E aí fiz uma investigação... Também, não tinha recursos, tinha projeto para uma outra mais ambiciosa. Mas, sem recursos, fiz uma sobre o estabelecimento, e portanto, à conta própria, a passagem por conta própria, dos portugueses ali residentes. No fundo, da imigração portuguesa, não é? E resultou, também, em um trabalho intensivo, da sociologia intensiva, na base das entrevistas e tal. E emagreci imenso, pelos quilômetros que percorri a pé para ir da loja do tal à oficina do outro. Corri Montreal toda, durante uns meses. E gostei, porque me iniciou, de certa maneira, na investigação qualitativa, digamos assim.

Bom, e depois vem uma área nova, que começa já depois do ano 2000, de investigação, de certa maneira, e que vem nesta linha de começar a aproximar-me de gente da sociologia do trabalho, certamente, mas também da antropologia do trabalho. Eu tenho vindo, quer do ponto de vista dos objetos de estudo, quer do ponto de vista dos instrumentos de investigação, a discutir com eles os modos e as dificuldades e as superações das técnicas da observação, das técnicas da entrevista, e portanto, do trabalho de campo e tal.

Isso, a certa altura, ligou-se com a ideia... Eu, se calhar, de novo me sinto numa situação de ser um observador privilegiado de uma coisa que, se não for a nenhum mais, talvez seja capaz de fazer, possa fazer, que era fazer uma análise – neste caso, retrospectiva – da instituição Marinha, da instituição militar naval, dos anos que eu tinha conhecido. Porque do ponto de vista mental, eu me desliguei completamente. A partir de [1968], eu nunca mais encontrei, só episodicamente, ou me dei com essa gente, mas não deitei fora aquilo que a minha mãe tinha conservado cá: uns caixotes com papéis e tal e a minha antiga biblioteca, que tinha imenso livros antigos – tem uns do século XIX e tal. E portanto, alguém me sugeriu – não sei se foi o Jesuíno até, não me recordo já –, alguém me sugeriu e eu realmente comecei a olhar como sociólogo para os papéis e para as minhas memórias e produzi um livro, que o Firmino da Costa comentou e apresentou, um livro que eu acho que realmente foi uma das boas obras que eu publiquei, sobre a Marinha nesse tempo, onde não há nenhuma nota biográfica. E resolvi logo

## Transcrição

na primeira página, com uma nota: “O observador sou eu”. Mas acho que aí me permitiu olhar para esse objeto com interesse, a partir de uma área de investigação que eu estava a começar a desenvolver que era a sociologia das profissões.

E como é que eu cheguei à sociologia das profissões? Como é que eu tinha chegado à sociologia das profissões? Porque um dia a Maria de Lurdes Rodrigues me aparece com um projeto de doutoramento nessa área e eu fui obrigado a trabalhar com ela, a ler, a estudar e a interessar-me por essa área. E ela fez o doutoramento que se sabe nessa área. E a seguir, comecei a trabalhar em outras coisas na área das profissões, também. E portanto, olhei para os marinheiros, mesmo sendo militares, mesmo sendo hierárquicos, não propriamente no mercado de trabalho etc., mas há todos os aspectos profissionais e os aspectos do *métier* antigo, do ofício antigo que estavam ali tão... em alguns aspectos, tão presentes também, como uma espécie de sobrevivência antiga do mundo pré-moderno, nas linguagens etc. Então, tudo isto me levou para um interesse novo que encontrei aí e que me levou a escrever esse livro e, agora, a produzir mais umas tantas publicações – a última saiu na *Revista crítica de ciências sociais* – sobre os militares e sobre a Marinha. Tenho agora um livro no editor para sair sobre isso, as relações da Marinha em Portugal com o poder político ao longo do século XX [*A Marinha e o poder político em Portugal no século XX*]. Fiz mesmo investigação de arquivo e tal.

E um pouco nessa mesma linha, já produzi e interessei-me por ler – aí é mesmo história, digamos assim – a colonização portuguesa em África no período da chamada colonização efetiva, portanto, a Conferência de Berlim em 1885 e a Primeira Guerra. Porque a partir daí, digamos, já entrou o sistema a funcionar em rotina. O problema foi instalá-lo, não é? Que recursos, que resistências, que oposições e que contexto internacional. Pronto, aí voltei a descobrir a antropologia, a economia, as relações internacionais, a sociologia, a administração pública, de certa maneira, que esquema. Produzi dois livros, um sobre Angola e outro sobre Moçambique; há vários projetos ainda, em colaboração com antropólogos, para voltarmos a Moçambique e irmos à Guiné – irmos, quer dizer, trabalhar esses temas. E pronto, e essa é a matéria que eu, agora, mais recentemente, em termos de publicações, fiz.

M.G. – João, tu estás a fazer referência a todo esse trabalho que tens estado a desenvolver, e muito nesta linha histórica, também, de recolher memórias, contributos, documentos e fazer a sua análise. Pensando, como há pouco referias, o que é a atual conjuntura, do ponto de vista

## Transcrição

econômico e laboral, o que são os temas que, no presente, suscitam, relacionados com a sociologia do trabalho? Qual é a investigação que tu proporias que se fizesse?

J.F. – Eu publiquei, há dois anos, um livro que durante vários anos preparei e tem a ousadia de se chamar *Economia e sociedade*. E esse livro, que esteve quase pronto por volta de 2003, pretendia ser o encerramento de uma linha de pesquisa que eu defini após o doutoramento, onde voltei a procurar os dados e as conclusões principais nos vários processos de pesquisa que eu consegui realizar. Houve alguns que tinha previsto e não consegui, na área nomeadamente do rendimento, a distribuição do rendimento, os dinheiros, finanças, apropriações delas aos vários níveis. É uma área muito complicada, onde, julgo, em Portugal, apenas o Farinha Rodrigues fez uma tese sobre isso, mas, a meu ver, é de economista, digamos assim, é de economista. E é, para responder a esse desafio, é uma das áreas onde me parece que há muita matéria e muito interesse e quase urgência em investigar. Eu não consegui.

Mas tirando essa área e talvez mais alguma outra menos importante, estávamos já a chegar a 2006, a 2005 e 2006, e eu aproveitei os números redondos da adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia em 1986 – em 2006, vinte anos redondos –, tinha as séries inteirinha e, portanto, fiz aí um exercício de leitura da economia que Portugal foi desenvolvendo, no contexto europeu em que agora estava, nesses anos. E eu acho que esse foi um pequeno... O esforço para mim foi grande, porque tive de ir aprender economia, tive de ir receber lições de economia também, para melhorar e interpretar dados que eu só percebia vagamente o que é que queriam significar. Disse, apontei que a economia portuguesa estava à marca-passos, usando uma linguagem prosaica, e que, provavelmente, havia de acontecer qualquer coisa. Falei, evidentemente, da crise. Já se começava a falar em crise social. Houve aí um debate público sobre crise social. Mas, para mim, crise social era um termo vazio, porque eu achava que quem falava nisso não sabia do que estava a falar. Hoje, podemos perceber, sabendo o que é crise económica. E eu acho que todos nós, o público em geral sabe hoje imenso de economia. Pode observar, pela comunicação social, sabe muito mais. E portanto, eu acho que, com esse exercício de perceber melhor a economia, fiquei mais apto a perceber o que está agora a passar, e julgo que a sociologia, também aí, não apenas estritamente no campo do rendimento económico, mas do próprio funcionamento da economia, era bom que nos envolvêssemos mais na investigação nessa área.

## Transcrição

Lembro-me até um pequeno episódio que me deixou um pouquinho envergonhado, quando, ao termos organizado o mestrado em sociologia do emprego e convidado... Acho que não fui eu, mas eu era um dos responsáveis do mestrado. Estava presente o Pedro Ferraz da Costa, na altura, presidente da Confederação da Indústria Portuguesa, e ele fez uma conferência aos mestrados e tal e olha para o programa e diz: “Mas não tem nenhuma cadeira de economia no mestrado em sociologia do emprego?”. E eu tive que dizer: “Não. Por acaso, realmente, não temos. É capaz de razão”. “Como é possível?!”

Julgo que a nossa formação do... Agora, certamente, há o segundo ciclo de estudos. E depois, como área de investigação, eu julgo que a sociologia econômica... Não sei exatamente qual, porque há muitas. Há a velha tradição da sociologia... uma tradição da sociologia econômica que, nomeadamente, os sócios do Iseg [Instituto Superior de Economia e Gestão], os colegas do Iseg procuram desenvolver. Mas eu não sei se é toda, ou se é a mais interessante. Mas, enfim, como tema de estudo, certamente eu diria que também... Porque me parece que... Bom, isto é uma subjetividade, é claro. [Porque me parece] que a sociologia que nós temos praticado tem dado enorme atenção – e justa – aos fenómenos culturais, ao simbólico e talvez, nesse entusiasmo e nessa repartição das atenções dos recursos, tenha um pouco negligenciado os aspectos das subsistências materiais das sociedades. E portanto, essas áreas, era capaz de ser coisas que eu, se estivesse agora a começar a carreira...

H.B. – Você identificaria nessa lacuna um problema na formação dos cientistas sociais hoje? Talvez, os cursos de graduação tivessem que estar mais atentos a isso?

J.F. – Não sou capaz agora de dizer com propriedade como é que está ou as lacunas que haja. Nós, aqui no ISCTE, eu acho que tínhamos uma boa formação, durante muitos anos, na área de história e na área da economia. Depois, talvez a psicologia tenha vindo a ocupar mais espaço, e retirando, se calhar, alguma coisa das outras. Eu, a minha sociologia continua lá no lugar em... com algum significado da história. E portanto, contributos lá atrás que possam ser dados a esse aspecto, à formação dos sociólogos nessas áreas, eu acho sempre bons. E a economia, se tive a ideia de poder... já não sei se tão necessário. Talvez, agora esteja a reavaliar, neste sentido que acabei de dizer, não é?

## Transcrição

H.B. – Eu fiz essa pergunta porque essa é uma avaliação que também ouço no Brasil. É uma preocupação, também, da formação dos cientistas sociais um pouco distanciada de áreas que são necessárias e fortes de avaliação. Na área da educação, por exemplo, os cientistas sociais se afastaram muito e os economistas são protagonistas importantes disso, no Brasil. Então, talvez se devesse a isso, ao fato de nós não incorporarmos esse campo de conhecimento mais sistematicamente na formação dos sociólogos, talvez. E eu gostaria de fazer um comentário, uma pergunta, se nessa trajetória profissional tão ativa que o senhor teve, se em algum momento o contato com outros países de língua portuguesa se mostrou interessante. Alguma conexão com o Brasil ou com... Ou ficou mais focado na Europa? Porque esse nosso projeto é exatamente trajetórias de cientistas sociais em países de língua portuguesa. Então, a gente identifica que essas relações estiveram muito afastadas, muito tênues, e que hoje há um esforço de aproximação.

J.F. – Eu, pessoalmente, descurei alguma oportunidade que possa ter tido de desenvolver relações, nomeadamente, com o Brasil e com os países de língua portuguesa africanos. Minha ideia era um bocadinho cínica, era esta: “Eu julgo que vou aprender mais nos Estados Unidos”. Nomeadamente, no mundo, eu tive muita pena de não fazer também um período de lecionação e de investigação, eventualmente, no exterior, no estrangeiro, em países de língua anglo-saxônica. E tentei fazê-lo, nomeadamente, na Austrália. Só que encontrei uma Austrália... Não sei se algum de vós esteve no congresso de Brisbane. Tentei fazê-lo, mas a averiguação que eu fiz – e tive contatos com todas as universidades – é que a sociologia na Austrália há uma meia dúzia de anos atrás era bastante fraquinha e, nomeadamente, não tinha recursos, ou [inaudível] nas capacidades, não tinha recursos para eu poder lá ir ensinar. Porque eu propunha-me ir ensinar e alguma coisa. Portanto, isso para dizer: eu, pessoalmente e algo cinicamente, procurei ir mais para ver aquilo que ia, eventualmente, condicionar o Portugal atual ou caminhos para que Portugal caminha, e pareceu-me que brasileiros etc. tenham uma atração semelhante, digamos assim.

H.B. – Sim.

J.F. – E depois, o cinismo também dá nisto, é que tive algumas vezes a sensação que colegas portugueses... ou seja, não tinham a atenção que eu acho que se devia ter, que é uma atenção de

## Transcrição

ir olhar e estudar o local, e não de ir debitar, e não de ir transmitir os nossos conhecimentos e as nossas experiências. Portanto, eu, quando ia para a Inglaterra, ou para o Canadá, ou para os Estados Unidos, fui aprender. Fui ensinar, mas fui sobretudo aprender. Tive um pouco a sensação incômoda de que alguns colegas portugueses iam ao Brasil a ensinar, em vez de irem ensinar, mas também aprenderem. Pronto. Um bocadinho uma certa escala de interdependências, que talvez não seja sempre a mais sã, no sentido de, entre os cientistas sociais, temos realidades sociais diferentes. Estamos sempre a aprender, se percebermos um bocadinho mais daquilo que o outro faz e dos problemas do outro.

H.B. – Posso entender então que a atividade de pesquisa poderia resultar num produto melhor, mais compartilhado do que essa atitude de ensinar ou de passar a experiência?

J.F. – Isso. Julgo que sim.

M.G. – Há aqui um ponto no nosso roteiro que, obviamente, já foi focado transversalmente [inaudível], mas, expressamente, temos aqui um ponto sobre as influências com textos, personagens e obras. Não sei se há alguma coisa ainda que nos possa dizer, um livro que te marcasse, um personagem que te tivesse também marcado.

J.F. – Na sociologia?

M.G. – Ou na tua vida.

H.B. – Na vida intelectual.

M.G. – Ou na vida intelectual ou pessoal.

J.F. – É vastíssimo.

H.B. – É vastíssimo. É muito difícil.

J.F. – É muito difícil.

M.G. – Mas podes restringir, readaptar a pergunta àquilo que te parecer conveniente.

J.F. – Pois. Eu aprendi pelos livros e pelos conhecimentos interpessoais, experiências de outros, comunicação direta, entre gerações, meios etc., e não sou capaz de dizer que uma coisa foi mais importante. As duas foram absolutamente decisivas para a minha formação. Acho que fui incentivado a ler cedo, e portanto, aprendi isso como se aprende a comportar-se com os outros, a ler e a escrever etc., etc. E portanto, digamos, esses aspectos da socialização inicial no meio familiar e no meio escolar, penso que, como quase a totalidade dos sociólogos, serão absolutamente decisivos. Os processos de relacionamento, eu julgo que a atitude que eu tive, por exemplo, de muitos anos... “Tu eras caladinho, mas estavas a observar tudo.” Ou seja, conceder primazia ao meio que nos preexiste, onde nós, a certa altura, entramos, e não entrar para organizar, decidir, impor nem nada disso. E depois, ajuizarmo-nos por nós próprios e tal.

Portanto, nesse sentido, por exemplo, eu aprendi imenso com os tais militantes da velha geração libertária – aprendi pessoalmente e, depois, como prática científica, porque trabalhei sobre os seus testemunhos e tal –, incluindo as questões difíceis e dolorosas de saber a face e o reverso, de perceber, por exemplo, como esses homens, que tiveram uma atitude, um posicionamento político, digamos, de resistência à situação existente, a um regime político, a uma ditadura e tal, por vezes sacrificaram – eu não diria nunca alegremente, mas sacrificaram – as suas mulheres em casa, as educações... E a consciência disso era uma consciência sempre, ou muitas vezes, mitigada, travestida de processos de autodesculpabilização e tal. Ora bem, eu retirei para a minha própria vida, dessas experiências, ensinamentos de sempre procurar medir, por exemplo, consequências, efeitos colaterais em relação... Ou seja, uma certa noção de responsabilidade por aquilo que eu fiz. E que muitos outros não fizeram, e fizeram muito bem em não fazer, porque eu não tinha filhos, nem mulher, nem dependentes de mim e muitos deles tinham. Esse é um aspecto, digamos assim. Mas eu não poderia ter vivido sem livros, sem, digamos, ter meios para estudar e depois assumir... Não sei se tenho especiais qualidades, acho que não, mas, enfim, assumir profissionalmente, com algum empenho, a tarefa de, profissionalmente, transmitir, de apresentar. Acho que podia ter feito sociologia ou várias outras coisas, mas sempre em áreas que envolvessem, simultaneamente, responsabilidade pessoal, compromisso, decisões que as pessoas tomam em seu nome próprio, ao assumir, e o estudo e o conhecimento e a vontade de aprender e saber um bocado mais e tal. Isso são as...

## Transcrição

Claro, muitas obras, muitos autores me marcaram. Por exemplo, em relação à religião: eu fui católico por educação, mas a minha família não era muito praticante. Era, digamos, cumpridora dos preceitos sociais dominantes. E fui católico até os meus 18 anos, ou coisa assim. Ainda tive aí um surto, digamos assim, depois do falecimento do meu pai, que foi um choque para mim, é claro, que me levou àquele Movimento de um Mundo Melhor e não sei o quê. O Vaticano II já estava ali, os primeiros balbuciantes de gente que eu conhecia que também já estava na oposição política, àquele setor católico. Mas, rapidamente, acabou aí.

Houve um livro, por exemplo, que, em relação ao meu amadurecimento pessoal face à religião, me marcou, na altura, profundamente, que foi, de Roger Martin du Gard, *O drama de Jean Barois*, que é uma história mais ou menos imaginada de um homem que é um ateu, mas que teve educação católica, e depois, no final da sua vida, pede algum apaziguamento da sua postura e pede, ou procura o reencontro com a fé católica, e depois, no momento da sua morte, aparece uma carta que ele escreveu: “Estou em plena posse dos meus dotes de consciência e declaro que não acredito em nenhum ente sobrenatural”. Temos que nos lembrar que esse era o momento... E esse contraste, do ponto de vista da história romanceada, é fantástico, digamos, a emoção que cria essa... E que me marcou imenso como... atenção, não te esqueças de quando podes manifestar uma vontade consciente, assumida, duradoura e tal, e não um impulso, e não uma emoção.

A.C. – Deixe-me perguntar duas coisas rápidas, apenas como notas complementares. Tu, além da tua vida intelectual e profissional, tens também uma intervenção cívica e uma preocupação social e política. Nessa vertente, houve assuntos desses que já foram mencionados, mas há algum aspecto desses que achas relevante acrescentar, fazer agora um balanço?

J.F. – Bom, eu queria dizer que é.... foi sempre uma, nem digo preocupação, um dado adquirido, que minha atividade cívica e política assumia individualmente, pessoalmente e, que, pelas proximidades que tantas vezes existem entre isso, as ideologias e a ciência social que eu não queria fazer o mais pequeno compromisso [Inaudível]. E chocava-me mesmo quando percebia que alguns colegas em França ou aqui não faziam. Lembro-me de ter ficado, refletido bastante, quando pós a queda do muro de Berlim, por exemplo, fui ver a minha literatura sociológica da sociologia do trabalho, ainda bastante francesa nessa altura em 90, e disse-me: das coisas que aqui estão, não digo que seja para ir para o lixo, mas são obras que têm um pressuposto de que

## Transcrição

há uma valorização ideológica disto em relação aquilo, capitalismo, socialismo e tal, que não é sustentável e que eles deviam ter sido críticos ao não se exprimirem dessa maneira e nessas premissas. Portanto, essa parte, digamos de separação de áreas e de espaços e acho que isso foi para mim muito importante. Portanto, os compromissos que fiz, os envolvimento que fiz, eu acho que foram marcados, escrevi isso nas minhas memórias, na minha, digamos, aproximação libertária, anarquista tem a ver, julgo eu, com aspectos de reflexão. Eu li todo o marxismo político, digamos assim, e nessa área da leitura e da compreensão e da decisão racional pensada, o que me disse foi: há cinquenta marxismos, há dez partidos trotskistas, todos têm razão isto é um mal sinal, digamos assim. Olha para o anarquismo e diz: aqui há um espaço onde cada qual pode ter o seu e não vão questionar... também vão. Mas na altura eu achei que cada qual teria o direito de pessoalmente e sem ter que se justificar teoricamente poderia dizer, “eu me situo aqui”. Esse foi um aspecto que eu acho que foi decisivo. O segundo aspecto foi comportamental de fato, foi o contato, eu conheci muitos anarquistas espanhóis que viviam aqui, desde o final da guerra civil Espanha e França, franceses e depois os do leste europeu, os búlgaros e tal. E os portugueses daqui mais tarde. E realmente nas suas vidas pessoais, com também muitos disparatos, com decisões também difíceis e certamente muito criticáveis que muitos foram obrigados a tomar, etc. Encontrei exemplos fantásticos de pessoas. E o caso aqui mesmo quando eu distribuía panfletos na via pública para a manifestação ou para mobilização disto ou daquilo, eu lembrava-me sempre de umas palavras de uma canção do [Inaudível]. Que é uma atitude de dizer: “eu estou na minha, vocês se quiserem levem-me o papel”. Eu nunca meti o papel na mão da pessoa, ficava sempre assim, se quer levar, leve. E depois a terceira ordem de razões foi de natureza estética, digamos assim. E tem a ver com a criação, ou seja, com uma certa idéia idealizada dessa ideologia, digamos assim, dessa área, que é um apelo a que cada qual escreva, imagine, invente, etc. E assinem por baixo porque também são narcísicos. Essa idéia de um espaço de criação, onde a arte, por exemplo, se encontra totalmente, não é? Embora do ponto de vista histórico o movimento anarquista foi ser muito mais realista, por exemplo, do que surrealista, o que é uma contradição, mas enfim... Pronto, essas são as razões, digamos assim, da minha adesão e tal. Em relação a minha experiência, eu fiz o militantismo possível nos anos 74, 75, antes em França também com alguns riscos porque cheguei a ser chamado à polícia francesa dizendo “se você agita muito, a gente o põe fora rapidamente, temos a sua ficha da [Inaudível] portuguesa” e tal. Aqui nunca tive problemas desse tipo, porque nessa época realmente já não havia, mas ainda tive uma experiência de uma semana preso em Espanha. Já

## Transcrição

era aqui do centro do ISCTE, era naquela transição o Franco tinha morrido, mas ainda havia todo o dispositivo e eu fui a uma reunião de anarquistas espanhóis como faziam em França e tal, só que ele era mais duro e caímos todos e tive uma semana preso em Barcelona, quando cheguei tive que ir ao Mário e dizer “olha professor, faltei as aulas durante uma semana, realmente estava impossibilitado de vir”. E portanto, tirando essa experiência, a minha experiência foi de ativismo, como todos faziam, não é? Sobretudo naquela ala da extrema esquerda, nas comissões de padres, comissões de moradores, comissões de trabalhadores. Isso durou 74, 75, 77, 78, talvez por aí e nessa altura a avaliação que fizemos foi... eu tinha criado uma revistinha que ainda hoje existe como uma revista cultural estava na tipografia em abril de 1974 em Paris, para mandar para cá em quantidades para Portugal, os meus antigos camaradas da marinha volta e meia apareciam em Paris a dizer: “tomarei um navio em Brest se tiveres umas malas de papel de material subversivo para mandar para Portugal, aproveita que eu levo”. Veja como eram as coisas. Vieram umas centenas de cadernos [Inaudível] e outras papeladas em submarinos, [Inaudível] poderíamos estar todos mortos. Bom, e essa revistinha que eu fundei em Paris depois transformou-se aqui, nesses primeiros anos era muito militante e tal. Depois, a partir dessa data, 78, começou-se a fazer uma coisa mais tipo política cultural, portanto artigos. Muitos colegas aqui do ISCTE, o Pais de Brito, o Villaverde, da antropologia, história, sociologia, escreviam artigos descomprometidos porque não eram textos académicos, mas já com uma outra fundamentação. E entramos mesmo na área, digamos de colaborações culturais de qualidade, não é? Portanto, essa revistinha foi sendo feita essencialmente por mim, modéstia parte, mas é mesmo assim, mas indispensavelmente com um grupo a volta que foi um grupo que fundou a uma certa altura uma cooperativa e editora, publicou uns livros.

E.B – Qual é o nome da revista?

J.F. - A idéia. E portanto, constituiu um que no movimento desse grupo muito informal, amigos, as pessoas iam entrando, iam se aproximando, entrando, certa altura, pronto. E depois algumas foram saindo, portanto esse grupo durou e praticamente vai até o princípio dos anos 90. Depois, nessa altura, achamos que já não dizíamos nada de especial, suspendemos e dez anos depois achamos alguns... pois agora não tem plataforma nenhuma editorial, portanto, tem uns tantos que lêem textos que nos chegam e tal, avaliamos se qualidade literária, cultural, publicamos. Portanto essa é a minha área, digamos. Eu julgo que nessa movimentação fizemos

## Transcrição

coisas muito pioneiras, digamos assim, eu creio, por exemplo, que aqui em Portugal, falar do iberismo em 75, 76, só estávamos nós e o Oliveira Marques, o historiador Oliveira Marques. Por essas épocas também o feminismo, as mulheres deste grupo, a Graça e outras tantas, quer dizer, não eram muitas, mas era mais um grupinho que falava disso. Estivemos no início do movimento ecologista português, Afonso Caltela e tal. Sobretudo até a criação dos partidos verdes que foi a nossa surpresa e achávamos que aquilo era outra coisa, que era a esfera da política e tal. Muitos achavam que se devia fazer um partido, mas não aquele. Estivemos nas movimentações pacifistas, anti-militaristas... lembro-me que em 81, a revisão constitucional de 81, apresentei uma petição, liderada por mim e por uns tantos que assinavam, assembleia da república, para que na revisão constitucional, fosse tido em conta certas coisas, era o fim dos tribunais militares, que era ainda uma instituição de justiça separada, era o fim do serviço militar obrigatório, era o referendo mandado aos partidos, o único que recebeu foi o UEDS, não sei se lembram. União da Esquerda Democrática Socialista com a Tereza Santa Clara Gomes que era uma católica que fazia parte e o Otávio [Inaudível], e nesse grupo o Monteiro, por exemplo, fez parte desse partido, pequenos partido, tinha dois ou três deputados, foram os únicos que nos receberam. E disseram: “excelentes idéias, mas isso só daqui há vinte anos e tal, nós até somos sensíveis mas politicamente não dá para passar”. Realmente foram tudo mudanças que vieram a ser consagradas vinte anos depois mesmo constitucionalmente, eu achei algo engraçado. E acho que vale a pena também referir que eu fui com mais dois ou três, éramos cinco fundador da anistia internacional aqui em Portugal. Porque eu já era sócio em França, já era membro da seção francesa, achei que o tipo de ação de defesa [Inaudível], que fazia que era individualizada que tinha umas precauções muito anglo-saxônicas de equilíbrio e tal, era um preso do bloco do leste, um preso do bloco ocidental, um preso do terceiro mundo, para não haver melindres e tal, e outras coisas assim que eram interessantes sobretudo porque se falava de pessoas concretas e de histórias concretas e não causas, os presos, os perseguidos... E cheguei cá e ninguém era sensível a isso e numa primeira tentativa estávamos os cinco e achávamos que éramos poucos para começar. Pois um ano ou dois depois o Zé Batista é que veio comigo a conversarmos e tal, pronto, e daí para frente e realmente fundamos e hoje é uma seção com algum significado, fez-me sempre lembrar uma pouco a seção portuguesa de sociologia, uma coisa com quase nada e que depois mesmo no panorama internacional se tornou uma referencia.

[FINAL DO ARQUIVO JOÃO\_FREIRE\_14.05.2010\_02]

## Transcrição

A.C. – Um outro assunto e último assunto, tu escreves isso nas tuas memórias, o desporto é uma dimensão importante da tua vida e tiveste uma atividade na esgrima muito importante. Não queres falar um pouco disso?

J.F. – Quer dizer, como nas outras coisas, foi o ambiente de juventude que ditou esse interesse, e eu realmente envolvi-me nisso. Gostava de ser atleta, mas não tinha físico para isso. Portanto, a certa altura, experimentei vários desportos, quando era adolescente, e acabei por verificar que tinha, ou diziam-me que tinha qualidades para a prática da esgrima, e pronto, e enveredei por isso. E, realmente, tive sucessos rápidos. E a certa altura, já estava na Escola Naval, e portanto, já era um rapaz de 20 anos ou coisa assim, e pus-me a questão de... “Eu gosto tanto disto...” Porque, inclusive, permitiu-me viajar por... Fui duas vezes a países para lá da Cortina de Ferro, nesses anos, que era uma coisa espantosa. Ninguém... Quando eu voltava da Bulgária ou da Hungria, toda a gente... “Conta lá como é que é.” E eu cheguei a pensar: “Eu devia ir para a educação física e organizar um bocado a minha vida à volta disto”. Ora bem, quando fui... Depois, na Marinha, na minha vida naval, já era difícil, é claro, mas eu andava sempre com o material à mão. Lembro de ter chegado a Nova York e fui fazer esgrima ao Central Park, em um clube magnífico e tal. E mesmo em Moçambique, que foi mesmo a última fase dessa minha carreira marítima, ainda fui campeão em Moçambique, num dia que passei por Lourenço Marques e vi um campeonato. De maneira que a minha mãe recortou e mandou-me até a notícia de jornal.

Depois fui para a França. A Sciences Po, como escola de elite que era, também tinha esgrima e eu ainda fiz um bocadinho, mas já não entrei em competições e nada disso. E durante bastantes anos, afastei-me. Assim como me afastei um bocado do desporto como fenómeno. Porque eu nunca cheguei a participar em Jogos Olímpicos, mas participei em campeonatos do mundo e em três Universidades, que eram... que são, creio eu que continuam a existir, os Jogos Mundiais Universitários, que é uma espécie de Olimpíadas para universitários. Bom, e aquilo era um ambiente muito engraçado, o convívio de juventude, rapazes e raparigas de todos os países. Nós subvertíamos aquelas... O desfile da cerimônia de abertura ainda era organizadinho, por países, com a bandeira e não sei o quê; o encerramento, aquilo era um grande convívio, uma grande festa, tudo misturado. Era muito engraçado.

## Transcrição

Portanto, segui sempre um bocado também como fenômeno sociológico a observar. E depois, tive alguma curiosidade, quando comecei a ver na televisão, digamos, o grande desporto de espetáculo. Comecei a tentar perceber que evoluções é que estaria a haver, ou teria havido, desde umas décadas atrás para agora. E a certa altura, já não sei por que, aqui, com as condições do ensino na Cidade Universitária, voltei a fazer esgrima. Bom, e redescobri que ainda tinha algumas capacidades, e ainda tenho, e ainda faço, atualmente. Fui terceiro classificado no Campeonato Nacional de Veteranos há 15 dias atrás. [riso]

Mas, digamos, o gosto particular da esgrima resume-se nisto, é porque eu acho que tem ali um jogo agônico em que se simboliza, ou se mima uma luta de morte, que é um... todos os afrontamentos. A morte pode ser simbólica. No tempo dos duelos, que foram proibidos, mas que aqui, no século XX, ainda se fizeram uns tantos, o duelo parava ao primeiro toque de sangue. Quando a ponta da lâmina fazia um bocadinho de sangue: “Alto lá! Pronto. Fulano de tal ganhou”. A esgrima não faz sangue nenhum, é claro, há as respectivas proteções, mas o envolvimento é um jogo... Por exemplo, eu fiz muitos esportes. A natação, a corrida, esse isolamento nosso com o próprio esforço tem algum interesse – o controle pessoal com o ambiente, a interação com o ambiente –, mas como jogo, não existe, é pobre, digamos assim. E ali, é como fosse... pode ser um jogo de xadrez: é uma interação direta que, simultaneamente, não é brutal... Porque eu detesto o boxe. Acho mesmo que um dia serei capaz de tentar lançar uma campanha universal contra o boxe, porque é um massacre. A dor é que se procura atingir no adversário. Aqui, não, é um toque simbólico, acende a luzinha. Mas representa, realmente, o tudo ou nada. Pronto, e é isso.

E depois, notei as evoluções normativas: qual a ética, digamos, do desporto que era no meu tempo e que é agora, que vejo os jovens ter, e qual era, porventura, no tempo dos meus mestres, no princípio do século XX. E é muito curioso, acho eu – isso uma coisa que escrevi –, eu acho que, se calhar, eu apanhei uma época ótima deste desenvolvimento, porque me relatam historiadores do desporto e tal que, no princípio do século, os assaltos de esgrima, os campeonatos de esgrima eram tão assumidamente disputados entre as pessoas que se zangavam, cortavam relações, e porque havia, também, um julgamento humano. Ou seja, como não havia os aparelhos elétricos, eram os juízes que diziam, “tocou” ou “não tocou”, e portanto, a suspeita de favorecimento... “Tu estás por aquele e estás a me prejudicar.” Bom, zangas que se passavam assim. No meu tempo, já havia os aparelhos elétricos, havia realmente o convívio, o gosto. Nós próprios, como quase sempre as coisas acontecem, ridicularizamos a nós próprios: chamávamos

## Transcrição

os “pica-chouriços”, ou os “fura-bolos”. Brincávamos. Mas, realmente, eu tenho recortes de jornais dessa época onde o colunista, ou o jornalista... vinha nos jornais, a seguir, no dia seguinte à prova, a relatar e tal, dizia: “Foram muito aplaudidos porque os atiradores acusavam os toques que recebiam mesmo antes do julgamento”. Ou seja, nós...

A.C. – É esse esportivismo.

J.F. – Esse esportivismo vem, digamos, daquele toque aristocrático que vem do século XVIII e XIX. Chamavam mesmo as “belas armas”. Por semelhança às belas letras e às belas artes: as belas armas. Ou seja, uma arte... um exercício de morte que se torna um esporte diletante, digamos assim, e uma arte, até certo ponto. E há fulanos... Por exemplo, o António Osório, creio eu, um que foi [inaudível] e que é poeta e tal, ele fez um texto muito bonito uma vez, escreveu alguma coisa sobre as relações entre a dança, a esgrima e o toureiro.

H.B. – Ah, eu pensei tanto no toureiro!

J.F. – Pelo lado do aspecto estético, digamos assim, os gestos e tal.

H.B. – Isso.

J.F. – Ora bem, toda essa parte da ética, eu verifiquei, [inaudível], no meu tempo era assim e, se calhar, antes não tinha sido bem assim e agora já não é tanto assim. Por exemplo, quando eu digo... quando estou agora a jogar e digo ali... o toque, *touché*, eu estou a significar que eu fui tocado, eu estou a me acusar. Eles nunca dizem isso; eles dizem: “Eu toquei. Ai!”. Muitas vezes, sai um grito, que é um grito que vem com o esforço, como os lançadores, que fazem um esforço... Portanto, são os treinadores que, com uma orientação muito virada para a vitória...

A.C. – Para o resultado.

H.B. – Para a competição, mesmo.

## Transcrição

J.F. – ...para o resultado, para a competição, que descuram um bocado. Quer dizer, eles lá fazem o cumprimento ritual, mas descuram um bocado.

A.C. – Já não é tão [inaudível].

J.F. – Por exemplo, aqui, há tempos, fiquei chocado porque... Já não me lembro exatamente, mas quando a gente convida... Quando está nos treinos, tem que se repousar um bocado entre cada combate, entre cada assalto, [e lembro] de ir convidar – era até uma rapariga –, “quer vir jogar comigo?”... É um gesto de convite e tal. Se a pessoa não quer, responde, normalmente: “Desculpe, eu estou cansado, tenho que ir embora, já é tarde”. E ela diz: “Não vou. Vou jogar com outro”. Eu achei isto uma falta de cortesia. [risos] Como quem diz: “Não gosto de ti, vou jogar com outro”. Isso, no meu tempo...

A.C. – Não se poderia.

J.F. – Não se poderia passar. Pronto. Por exemplo, agora estou a organizar uma prova de veteranos, daqui a mais uns dias, aqui no CDUL, que foi sempre... o Clube Desportivo Universitário, de que fui dirigente, também, nesses tempos juvenis, em que, no final da prova, a organização levaria os comes e bebes, para a malta confraternizar, e não para, digamos assim, cada qual ir logo embora para casa. E o rúgbi, agora menos, mas tinha essa parte muito interessante que era, depois daquele afrontamento tão forte fisicamente, eles têm sempre a terceira parte do jogo, que é irem a uma jantarada, bem comidos e bem bebidos, para confraternizar os dois grupos. Pronto. E portanto, é essa a ética do desporto, a universalidade do desporto, o ganhar *pour des prunes*, quer dizer, coisas que não têm... Agora, até se ganha bastante. Antigamente, toda esta gente fazia isto voluntariamente, graciosamente. Agora, eu percebo que os atletas melhores são subvencionados e quase já só fazem isso, [inaudível] alguns; treinadores, juízes e não sei o quê têm a contrapartida financeira que pagam e tal. Pronto, há uma profissionalização geral que também entrou nesta atividade, mas que modifica um bocado, não é?

## Transcrição

M.G. – Há uma outra componente, mais lúdica, mais de sociabilidade, mas também tem essa componente do esforço físico, ou da atividade física que são as caminhadas que de vez em quando nos desafias.

J.F. – Sim.

M.G. – Continuas a fazer isso com algum caráter de regularidade?

J.F. – Sim, mais ou menos.

M.G. – [Inaudível].

J.F. – No outono e na primavera.

M.G. – Tens essa regularidade?

J.F. – Sim.

M.G. – São duas vezes por ano, pelo menos.

J.F. – Mais ou menos, costuma ser assim.

H.B. – Nas duas estações.

J.F. – Para essa, é mais difícil é quando já há uma organização. Por exemplo, uma grande caminhada que fizemos há dois ou três anos na Serra da Estrela, em que saíamos das Penhas Douradas até a Torre, era preciso gerir automóveis de um lado, automóveis do outro e não sei o quê, e dormida. É difícil quando tem de alugar barcos à vela, [inaudível], em que são 40 pessoas, mas aquilo custa dinheiro, e depois, não dá para...

A.C. – Não dá para falhar.

## Transcrição

J.F. – No instante, falhar e não sei o quê, ou chegar tarde. Aquelas que são fáceis e gratificantes para mim são... vem quem vem, traz um farnel, confraterniza-se e caminha-se um bocado. Em geral, há sempre alguém que conhece os ambientes naturais, ou a biologia, a montanha etc. e tal, e pronto, e vai nos instruindo um bocado, assim.

H.B. – Professor, talvez pudéssemos só fechar com uma notinha sobre a sua família.

J.F. – Sobre a minha família?

H.B. – Filho... Só para... Porque ficou fora da...

J.F. – Exatamente. Eu encontrei esta mulher com quem [inaudível], com quem com casei em Paris, assim, por casualidade. Foi muito bom inicialmente, mas dissemos: “Não temos compromissos definitivos. Vivemos a dois bem enquanto, digamos...”. Bom, e o bem durou até agora. Portanto, somos um daqueles casais que duraram.

H.B. – Talvez, seja essa a sabedoria.

J.F. – E tivemos um filho que eu acho que teve uma educação ótima, que sobretudo a mãe cuidou, e eu, também, acho que colaborei bem, e que é arquiteto – e está com grandes dificuldades econômicas, nas crises atuais, para sobreviver. Não é militante de nada de cartão passado, mas tem uma atitude perante a vida ótima. Com a companheira dele, vão agora ser pais. Já correram o mundo de mochila às costas, fizeram o Oriente, a Ásia, a China, a América do Sul, já fizeram todo o mundo assim, com uma atitude de descoberta e conhecimento e tal muito interessante. Profissionalmente, ele tenta fazer uma arquitetura sustentável, uma coisa deste gênero, que combine técnicas e materiais atuais com os tradicionais, da construção em terra e essas coisas, o que é uma dificuldade adicional para a sobrevivência econômica, mas que tem uma componente humana extremamente gratificante. E eu acho que eles também se apreciam nessa vida. Portanto, eu acho que tenho só razões de satisfação por esse lado da vida...

H.B. – Parabéns.

Transcrição

J.F. – ...familiar e pessoal.

A.C. – Muito obrigado, João.

M.G. – Obrigada, João.

H.B. – Parabéns e muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]